

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH  
Departamento de História



MATHIAS INACIO SCHERER

**A MODERNIZAÇÃO DO ESTÁDIO BEIRA-RIO NO CONTEXTO DAS  
POLÍTICAS NEOLIBERAIS NOS ANOS DE 1992-2010**

PORTO ALEGRE  
21 de Novembro de 2011

MATHIAS INACIO SCHERER

**A MODERNIZAÇÃO DO ESTÁDIO BEIRA-RIO NO CONTEXTO DAS  
POLÍTICAS NEOLIBERAIS NOS ANOS DE 1992-2010**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História, pelo curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Orientador: Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

PORTO ALEGRE  
21 de novembro de 2011

*Aos que fogem alucinadamente uma vez por semana ao Gigante.*

## AGRADECIMENTOS

São tantas pessoas a quem devo alguma palavra ou menção de agradecimento que creio eu será difícil nestas poucas linhas permear todos. Vou tentar lembrar de todas as pessoas importantes.

Primeiramente gostaria de agradecer ao Professor Guazzelli por ter me acolhido junto ao seu projeto de pesquisa, onde pude desenvolver esta pesquisa. E por estar sempre presente nos momentos necessários.

Todos que me ajudaram na realização deste e de outros trabalhos acadêmicos.

Gostaria de agradecer todos os amigos que fiz neste tempo de faculdade, amigos de estudos, militância e diversão. Espaço especial ao pessoal do CHIST com quem convivo desde 2008.

Em especial gostaria de citar o pessoal do Heródoto Futebol Clube (/7): Samuel (Gringo), André, Raul, Gustavo (Alemãozinho), Gabriel (Gamba), Marcos (Gaulês) e Rodrigo (Bob). São verdadeiros irmãos, principalmente os camisas 37, 10 e 9.

Gostaria de agradecer a Liana. Estes últimos momentos foram deveras especiais. Muito valeu, Lia.

Por último a minha família: meu pai (Luiz), minha mãe (Mônica e Verônica) e minha tia (Catarina). E todos os outros; primos, primas, tias, tios e avós e avôs.

*“Para todos la luz, para todos todo.”*

*“A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar”.*

*(Eduardo Galeano)*

## RESUMO

O futebol, esporte importado do continente Europeu para o Sul Americano, obteve tanto ou mais destaque por este lado do Atlântico do que no seu continente de origem, chegando ao ponto de o Brasil ser conhecido como país do Futebol. É um dos esportes mais populares do mundo, segundo o historiador Eric Hobsbawn é “o esporte que o mundo tornou seu”. Entendemos o esporte bretão, como um importante fenômeno social da contemporaneidade. A pesquisa sobre o processo de modernização dos estádios de futebol e a mudança do seu público freqüentador: o caso do estádio Pinheiro Borda (Beira-Rio) do *Sport Club Internacional*. A análise sobre a elitização dos torcedores freqüentadores de estádio será feita através de um estudo de caso, comparando a final da Copa do Brasil de dezembro de 1992 em contra posição a final da Copa Libertadores de agosto de 2010. O que nos leva a um espaço de tempo de dezoito (18) anos. A pesquisa do valor de ingressos nas dependências estádio Beira-Rio, durante as duas finais e o perfil dos freqüentadores dos estádios estão entre os principais focos de estudo para alcançar o objetivo: verificar uma mudança no perfil dos torcedores de estádio de futebol no decorrer dos últimos anos. As fontes a serem utilizadas são borderôs dos jogos realizados no estádio em questão; documentação da Federação Gaúcha de Futebol (FGF); noticiário dos jornais Última Hora, Zero Hora e Correio do Povo.

Palavras Chaves: Futebol, Modernização, estádios, Sport Club Internacional e Beira-Rio.

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2.</b>	<b><i>HABEMUS STADIUM: O INTERNACIONAL E O GIGANTE DA BEIRA-RIO.....</i></b>	<b>14</b>
2.1	ESTÁDIOS, A CASA DO POVO.....	20
<b>3.</b>	<b>PRIMEIRO LÁ, DEPOIS AQUI: O ESTÁDIO, AS PULSÕES EXTERNAS E OS REFLEXOS LOCAIS.....</b>	<b>25</b>
3.1	ESTÁDIO BEIRA-RIO ENTRE EXIGÊNCIAS E ADEQUAÇÕES.....	34
<b>4.</b>	<b>TORCEDOR AO ESPECTADOR/CONSUMIDOR (1992-2010).....</b>	<b>40</b>
4.1	TORCEDOR, TORCEDOR DO POVO.....	40
4.2.	NÓS TORCEMOS, NÓS CONSUMIMOS!.....	41
4.3.	UM NOVO TORCEDOR, UM NOVO SÓCIO, UM SÓCIO-TORCEDOR:.....	49
<b>5.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>53</b>
<b>6.</b>	<b>FONTES E BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>56</b>
6.1	FONTES.....	56
6.2	BIBLIOGRAFIA.....	56
6.3	SITES.....	58

## 1. INTRODUÇÃO

Gostaria de deixar claro desde o início a minha preferência clubística. Sou torcedor do Sport Club Internacional, e como diz o ditado, colorado desde criancinha, por vontade e influência de pai e avô. A primeira vez que entrei num estádio de futebol foi em 1997 para assistir um jogo do campeonato brasileiro, Internacional 4 x 1 Fluminense, com gols de Sandoval, Christian, Mabília e Silvio para nós e Paulo Roberto descontando para os cariocas. Depois desta primeira experiência com o Beira-Rio, nunca mais desisti, enfrentei de peito aberto toda nebulosa década de noventa mais os primeiros anos da década seguinte. Ao mesmo tempo em que eu me transformei como pessoa, nosso estádio e nossos torcedores também mudaram.

O trabalho terá como assunto a história do futebol e o tema abordado será sobre os estádios de futebol, usando como exemplo o Beira-Rio. A utilização do Futebol como instrumento de pesquisa ainda desperta pouco interesse por parte dos estudos acadêmicos. Apenas nos últimos anos é que o tema está entrando na pauta da academia, principalmente, nos cursos das Ciências Humanas. Como afirma o escritor uruguaio Eduardo Galeano: *“Um vazio assombroso: a história oficial ignora o futebol. Os textos de história contemporânea não o mencionam, nem de passagem, em países onde o futebol foi e continua sendo um símbolo primordial de identidade coletiva.”*<sup>1</sup>. É a partir dessa reflexão que entendo o quão importante e necessário se faz pensar a história do Brasil através desse esporte - não somos nós, o país do futebol? Então por que não pensar e entender a nossa história através dele? O historiador Eric Hobsbawm definiu o futebol como um *“produto cultural mundial”*, *“foi o esporte que o mundo tornou seu”*<sup>2</sup>. O futebol no Brasil precisa deixar de ser apenas jogado e começar a ser *“pensando”*<sup>3</sup>, não podemos mais deixar esta lacuna.

Este tema é muitas vezes tratado marginalmente pela academia, não é dada a devida seriedade para a sua pesquisa, em suma, é relegado ao segundo plano porque pode ser entendido como uma forma de alienação, de interesse de pessoas incultas, um objeto apenas para o lazer. Isto é totalmente contrastante com a importância do esporte para o povo brasileiro, que a cada Copa do Mundo pára em frente à televisão para assistir aos

---

<sup>1</sup> GALEANO, Eduardo. Futebol ao sol e à sombra. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2004, p.256.

<sup>2</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos. O Breve Século XX. 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.196.

<sup>3</sup> FRANCO JUNIOR. Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2007, p.11.



jogos da seleção, ou quando a própria universidade pública<sup>4</sup> modifica seu expediente em dias de jogos do selecionado brasileiro, e sua presença nos mais diversos setores, como nos meios de comunicação e propaganda. Como declara o professor Benedito Tadeu César em sua dissertação:

“Há, no entanto, na razão inversa e proporcional ao interesse popular, um descaso e um desprestígio muito grandes com relação ao tema por parte da comunidade científica nacional. A intelectualidade brasileira, de maneira geral, o despreza. Relega-o a plano inferior. Minimiza-o. Futebol é, e quase sempre foi sinônimo de alienação, de descompromisso, de malandragem. Prática de negros e desocupados. De incultos. Da massa e, portanto, passível de manipulação e controle”<sup>5</sup>

O trecho acima foi escrito no início da década de 1980, quando o futebol sofria muito mais preconceito por parte do meio acadêmico. Sem dúvida hoje o tema é encarado com mais respeito dentro da academia ou pelo menos nas ciências humanas, principalmente pela qualidade dos trabalhos e pesquisas desenvolvidas.

Este trabalho busca analisar de que forma as mudanças arquitetônicas dos estádios de futebol e de seu público frequentador se relacionam com as ações de modernização propostas pelos clubes no contexto das políticas neoliberais, a partir do estádio do Beira-Rio em Porto Alegre entre os anos de 1992 e 2010?

O futebol moderno como conhecemos teria sido importado do continente Europeu para o Brasil em 1894<sup>6</sup>, pelas mãos e pés de filhos de ingleses que voltavam ao país após temporada de estudo na Europa. Destacam-se o paulista Charles Miller e o carioca Oscar Cox. Pelo menos este é o principal mito de origem do futebol no Brasil. Porém, não é a versão mais aceita, sendo contestada por muitos. O professor Richard Giulianotti defende a tese que o futebol desembarcou nestas terras por volta de 1864 pelos pés dos marinheiros ingleses<sup>7</sup>, que em seus horários de folga praticavam o jogo como forma de divertimento, ou ainda, o futebol era empregado de forma lúdica na educação física dos colégios dos padres, no interior do estado de São Paulo.

---

<sup>4</sup> Durante a Copa do Mundo de 2010, a UFRGS teve seus horários de expedientes alterados nos dias que a seleção brasileira disputaria as partidas.

<sup>5</sup> CÉSAR, Benedito Tadeu. Os gaviões da fiel e a águia do capitalismo ou o duelo. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social: Campinas/UNICAMP. 1981. 205f, p.02.

<sup>6</sup> BELLOS, Alex. Futebol: o Brasil em campo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p.09

<sup>7</sup> GIULIANOTTI, Richard. Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 1999, p.24.

Cabe destacar, a tese do Professor Gilmar Mascarenhas, desenvolvida em seu trabalho de doutorado<sup>8</sup>. Ele propõe que a chegada do futebol no Brasil, se deu pela “*via platina*”. Pelo espaço territorial concebido entre o Rio Grande do Sul, Buenos Aires (Argentina) e Montevideu (Uruguai). Estes três territórios estavam extremamente conectados por relações econômicas, políticas e sociais. O futebol acabou chegando ao Brasil, mais precisamente no estado do Rio Grande do Sul justamente através destas trocas.

Os países platinos receberam o futebol, através dos ingleses que vinham trabalhar na região e este se difundiu rapidamente. Na Argentina o esporte se espalhou especialmente com ajuda das ferrovias e “no Uruguai o processo de difusão espacial se utilizou também das ferrovias e se estendeu à Campanha Gaúcha, para além do território nacional uruguaio, área de plena influência urbana de Montevideu.”<sup>9</sup>.

Fazendo uso destas redes de trocas entre os castelhanos e os brasileiros, o futebol acabou sendo inserido no cotidiano dos gaúchos via os países vizinhos, tanto que em 1902 a cidade de Santana do Livramento já possuía um time de futebol, o *E.C. Uruguaiana*, enquanto no resto do país o esporte bretão apenas “engatinhava” com destaque para São Paulo e algumas cidades portuárias<sup>10</sup>.

Podemos considerar que apesar de o futebol ser praticado no país anteriormente a 1894, *o valor dos atos dos descendentes de ingleses seria a muito mais quanto difusão ao invés da introdução do football*<sup>11</sup>, pois foram eles que estimularam o esporte a se tornar uma *atividade dotada de regras fixas e de um espírito competitivo*<sup>12</sup>. Como destaca o historiador dor Fabio Franzini:

“A difusão mais efetiva da bola pelo território nacional só começaria, contudo, a tomar corpo nos anos seguintes, e pela ação de diferentes e desconexos sujeitos. E, diferentes momentos e lugares. O contato com o esporte dentro da escola, por exemplo, fez com que muitos estudantes, depois de formados, procurassem criar condições para continuar a jogá-lo em outros cenários. O paulista Charles William Miller foi um deles: em 1894, após passar dez anos estudando na Inglaterra, país natal de seus pais, voltou a São Paulo munido de um livro de regras do association football, duas bolas para a

<sup>8</sup> MASCARENHAS, Gilmar. A bola nas redes e o enredo do lugar. Uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul. Tese de doutorado em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, 2001

<sup>9</sup> MASCARENHAS, Gilmar. A via platina de introdução do futebol no RS. Lecturas: Educación Física y Deportes - Revista Digital - Buenos Aires - Año 5 - N° 26 - Octubre de 2000. p. 04.

<sup>10</sup> Idem. p.05

<sup>11</sup> FRAGA, Gerson Wasen. "A derrota do Jeca" na imprensa brasileira : nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950. (Tese de Doutorado em História). Porto Alegre: UFRGS, 2009, p.145.

<sup>12</sup> Idem.

sua prática, uma bomba de ar para enchê-las, um par de chuteiras, uma camisa do time do Banister Court School e outra do Saint Mary's Football Club, ambos de Southampton, pelos quais se destacara como atacante”<sup>13</sup>

Podem ocorrer algumas dúvidas quanto à data exata da chegada do futebol, porém, um coisa é consenso: o esporte obteve tanto ou mais destaque por este lado do Atlântico do que no seu continente de origem, chegando ao ponto de o Brasil ser conhecido como o “*país do Futebol*” ou, como definiria o escritor Nelson Rodrigues, “a pátria em chuteiras”<sup>14</sup>. Mais do que isso, nós temos Pelé - o rei do futebol, além do Rio Grande do Sul aparecer neste cenário tendo o clube mais antigo do Brasil, conforme destaca o historiador Cesar Guazzelli:

“Em 19 de julho de 1900 – data oficializada pela Confederação Brasileira de Futebol como o Dia Nacional do Futebol – foi fundado o Sport Club Rio Grande, na cidade portuária de mesmo nome. Desta forma, o futebol mais antigo do país é o do Rio Grande do Sul.”<sup>15</sup>

Entendemos o esporte bretão como um importante fenômeno social da contemporaneidade, através dele podemos visualizar manifestações da identidade nacional e regional.

O estádio de futebol, palco do espetáculo e dos acontecimentos, é um lugar privilegiado quando se tenta traçar uma história do futebol-ele está presente nas paisagens das cidades assim como as igrejas, escolas, hospitais ou praças. Além disso, são importantes espaços de sociabilidade entre torcedores dos clubes e de seleções. Como destaca o historiador Christopher Gaffney:

“Os estádios nos são importantes porque são lugares onde compartilhamos nossas emoções em comum em um lugar em comum e em um limitado espaço de tempo. Entretanto, estádios também já foram lugares de tragédias, assassinatos e repressão. Eles representam e reproduzem desigualdades políticas e econômicas”.<sup>16</sup>

O recorte temporal, como enunciado anteriormente, será entre os anos de 1992 e 2010. O que nos remete a um período de dezoito anos que são muito representativos

<sup>13</sup> FRANZINI, Fabio. A futura paixão nacional: chega o futebol in: DEL PRIORI, Mary, MELO, Victor Andrade de (orgs). História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p.113

<sup>14</sup> RODRIGUES, Nelson. A pátria em chuteiras. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

<sup>15</sup> GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. 500 anos de Brasil, 100 de futebol gaúcho: construção da “provincia de chuteiras”. Anos 90, Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, n.º. 11, p. 22, julho de 1999.

<sup>16</sup> GAFFNEY, Christopher. Temples of the Earthbound Gods: Stadiums in the Cultural Landscapes of Rio de Janeiro and Buenos Aires. USA: University of Texas Press, 2003, tradução Arthur Lima de Avila.

tanto para o clube, como para o país. A escolha deste período ocorreu, primeiramente, pelo o ano de 1992 representar a data do último grande título de expressão nacional para o clube - a Copa do Brasil - e 2010 representar o ano do último título de expressão internacional. É no início deste período que temos a implementação das políticas neoliberais no cone sul, ponto fundamental para a análise da modernização. Em março de 2003, a FIFA anunciou que a Copa do Mundo seria realizada na América do Sul, em abril de 2007, após a desistência da Colômbia, o Brasil passou a ser o único candidato e foi oficialmente escolhido como sede da copa em outubro do mesmo ano, sendo que o último ato foi em janeiro de 2009, quando o Beira-Rio foi indicado como estádio sede de Porto Alegre para os jogos da copa de 2014. Este período é significativo porque as demandas da FIFA e da Copa do Mundo são ao mesmo tempo estimuladoras, norteadoras e delimitadoras das mudanças nos estádios.

Partindo destas questões, o trabalho terá os seguintes objetivos: analisar como as mudanças arquitetônicas e do público frequentador estão relacionadas com o processo de modernização; analisar a mudança do perfil do público frequentador entre os anos de 1992 a 2010; detectar as mudanças arquitetônicas do estádio Beira-Rio durante os anos de 1992 a 2010; fazer o levantamento do custo dos ingressos entre os anos de 1992 a 2010; e fazer o levantamento do custo entre os sócios e não sócios do clube.

Pretendo desenvolver dois conceitos centrais no trabalho de conclusão: modernização e neoliberalismo, além das discussões sobre estádio. Estes dois conceitos são pontos-chave para o desenvolvimento e entendimento da pesquisa, pois entendo a modernização dos estádios, como um fenômeno intimamente ligado ao período do neoliberalismo.

A noção de modernização proposta por Marshall Berman é adequado para o trabalho que desenvolvo, bem como as noções de neoliberalismo sugeridas por Perry Anderson e David Harvey.

Usarei a discussão de estádio proposto por Christopher Gaffney. Os estádios são construções que fazem parte das cidades, lugares onde compartilhamos nossas emoções num mesmo lugar e em um mesmo espaço de tempo, além de produzirem e reproduzirem desigualdades econômicas e políticas. Precisamos entender o estádio como algo maior que sua construção física, como Gaffney coloca:

“Isto é, quanto mais olhamos e pensamos sobre os estádios, mais complexos eles se tornam. Usando os estádios como lentes para observar culturas, examinamos processos históricos, econômicos, políticos, sócio-

culturais, tecnológicos e globalizantes na medida em que são expressos no nível local.”<sup>17</sup>

Marshall Berman, no livro *“Tudo que é sólido desmancha no ar”*, propõe um estudo entre a dialética da modernização e do modernismo. Ele divide a *“modernidade em três fases”*<sup>18</sup>: a primeira, do início do século XVI até o fim do século XVIII, a segunda começa com a onda revolucionária de 1790 até final do século XIX, a terceira e última fase corresponde ao século XX. Segundo Berman *“é neste período que a modernização se expande a ponto de abarcar virtualmente o mundo todo, e a cultura mundial do modernismo em desenvolvimento atinge espetaculares triunfos na arte e no pensamento.”*<sup>19</sup>. É durante o século XX que ocorre o desenvolvimento do futebol, ele se transforma num esporte de massa, transpondo o continente europeu e se disseminando pelo mundo. É durante este mesmo século XX que está delimitado parte do espaço temporal da minha pesquisa, e como podemos observar este fenômeno de modernização ocorreu primeiramente na Europa para só depois chegar à América no início da década de 90 concomitantemente ao pensamento neoliberal instaurado pelos governos dos países da bacia do Rio da Prata.

Para o conceito de neoliberalismo, como enunciado, usarei dois autores: David Harvey e Perry Anderson. Anderson coloca que o neoliberalismo *“nasceu no pós segunda guerra sendo uma reação ao Estado intervencionista e de bem estar social”*<sup>20</sup>. Porém suas idéias só começaram a ganhar força após a crise do modelo econômico de 1973. Mais precisamente em 1979 com Thatcher na Inglaterra, em 1980 com Reagan nos EUA e na América Latina com o governo Pinochet, nos anos 70. E se estendeu pelas décadas de 1980 e 1990, com características comuns como desregulamentação, desemprego massivo, repressão sindical, privatizações, políticas de incentivo fiscal.

David Harvey compartilha do conceito de neoliberalismo formulado por Anderson, sobre sua origem, desenvolvimento, localização e características. E coloca ainda o neoliberalismo associado com a idéia de *“globalização”*<sup>21</sup>. Esta conceituação de neoliberalismo me ajuda a entender o momento temporal e espacial de onde estas

---

<sup>17</sup> GAFFNEY, Op. Cit., p. 03.

<sup>18</sup> BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no Ar*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007. p. 25-26

<sup>19</sup> Idem. p. 26.

<sup>20</sup> ANDERSON, Perry. *Balanço do Neoliberalismo*, in: *Pós-Neoliberalismo: As Políticas Sociais e o Estado Democrático*, Emir Sader e Pablo Gentili, org. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995. p.9

<sup>21</sup> HARVEY, David. *O Neoliberalismo historia e implicações*. São Paulo: Edições Loyola, 2005

políticas econômicas foram efetuadas, uma vez que são harmônicas com o tempo e espaço do meu objeto de análise.

Metodologicamente, utilizarei a pesquisa em jornais. Foram consultados os jornais Última Hora, Zero Hora e Correio do Povo, além da revista do Internacional e borderôs das partidas finais da Copa do Brasil de 1992 e Copa Libertadores de 2010, onde busquei notícias tanto sobre o Beira-Rio quanto dos torcedores. Foram também utilizadas as notícias sobre reformas nas arquibancadas, aumento dos estacionamentos, construção de um complexo esportivo, administrativo e comercial ao redor do estádio-ou simplesmente o plantio ou manutenção da grama - um dos pontos mais importantes para a realização dos embates.

Ao trabalhar com os jornais como fonte principal da pesquisa, devemos levar em conta que são fontes imbuídas de ideologia. É um meio de comunicação que tenta passar a idéia de imparcialidade aos leitores, tentando assim influenciar a leitura da realidade por parte do público. Por isso é importante ter cuidado, não generalizando essa fonte como um documento que representa a verdade incontestada. Com isso devemos problematizar não apenas a leitura, mas também elementos que vão além da leitura documental pura. Por último, temos mais uma tarefa colocada por Gerson Fraga: a pesquisa em jornais exige do historiador um trabalho minucioso e paciente, *“buscando aquilo que, pela repetição de suas aparições ao longo dos textos, se ressalte como significativo e exemplar para sua análise”*<sup>22</sup>. Um conceito que aparece repetidas vezes nos jornais desde a década de 1970 até o ano de 2010, é o “padrão FIFA” dos estádios. Ele é retratado em 1971, quando ocorre a especulação de jogos no Beira-Rio, para a disputa da Mini Copa, em 2004 como argumento para exclusão da “Coréia” ou em 2010 quando o Gigante precisa se adaptar aos “padrões FIFA” para poder receber jogos da Copa do Mundo de 2014.

O trabalho será dividido em três capítulos além da introdução e da conclusão. No primeiro capítulo vou escrever uma breve história do Internacional e do Gigante; No segundo capítulo, tratarei principalmente das mudanças arquitetônicas ocorridas no estádio durante estes dezoito anos. Por final, no terceiro capítulo, farei uma análise dos custos dos ingressos tanto para torcedores comuns quanto para os associados durante os 18 anos e comparando os valores das respectivas finais.

---

<sup>22</sup> FRAGA, Op. Cit., p.39

## 2- *HABEMUS STADIUM*: O INTERNACIONAL E O GIGANTE DA BEIRA-RIO

O Sport Club Internacional foi fundado no dia 04 de abril de 1909, no local conhecido como a “volta do cordeiro”, aos arredores de onde hoje se situa o Hospital de Pronto Socorro. Nesse momento, a política brasileira era dominada pelas oligarquias paulistas e mineiras- *assim como a política na República Velha, o futebol é um espaço de participação restrita às antigas oligarquias ou famílias com propriedades*<sup>23</sup>. Em Porto Alegre, um grupo formado com a mais variada gama de participantes, tendo entre eles os irmãos Poppe (Luis, Henrique e José) e João Leopoldo Seferin<sup>24</sup> - este último foi quem abriu as portas de sua casa para a reunião de fundação do Sport Club Internacional, *“já na data de fundação, constava que o Inter – “O Clube do Povo” – estaria aberto a todas as raças, religiões e classes sociais* “<sup>25</sup>. Após os irmão Poppe terem sido negados nos outros clubes de futebol da cidade como o *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense*, por não terem as características necessárias<sup>26</sup> para filiar-se ao clube. O Grêmio no futuro se tornaria o maior rival da historia do Colorado.

A partir deste momento a cidade de Porto Alegre contava com mais um clube para pratica do futebol, além do co-irmão, existia ainda o Fuss-ball Club de Porto Alegre. O Sport Club Internacional tinha o objetivo da prática e do incentivo do futebol por parte da sociedade porto alegrense. O primeiro jogo realizado entre os dois clubes foi um vexatório 10 a 0 para Grêmio, apenas em 1915, no Gre-Nal de número sete o Internacional iria sentir qual era o gosto de vencer o co-irmão, em uma vitória de 4 a 1 na casa do rival. Desde então os vermelhos<sup>27</sup> nunca mais pararam de ganhar o clássico Gre-Nal. Como destacou o atual presidente do internacional Vitório Piffero, em um editorial da revista do clube em 2009, ano da comemoração do centenário do clube: *“No que diz respeito ao maior clássico do país – o Grenal -, a nossa superioridade também é gigantesca. Desde 1945, quando ultrapassamos o rival, estamos à frente em vitórias*

<sup>23</sup> STÉDILE, Miguel Enrique. Da fábrica à várzea: clubes de futebol operário em porto alegre. (Dissertação de mestrado em história) Porto Alegre: UFRGS, 2011, p.52

<sup>24</sup> FISCHER, Luís Augusto. O time do meu coração. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2009, p.10.

<sup>25</sup> DENARDIN, Pedro Ernesto e DIENSTMANN, Cláudio. Um século de futebol no Brasil: do Sport Club Rio Grande ao Clube dos Treze. Porto Alegre: Gráfica Aplub, 2000, p. 151.

<sup>26</sup> TEMPASS, Mártin César. Os Malditos da Coréia: um estudo antropológico sobre os torcedores da arquibancada popular do Estádio Beira Rio - Porto Alegre. Monografia de conclusão/ UFRGS, 2003.

<sup>27</sup> O Sport Club Internacional é reconhecido pelo seu uniforme vermelho e branco, enquanto o rival, Grêmio tem como uniforme o azul, preto e branco.

*nos confrontos diretos. São 64 anos à frente. Ou seja, dos nossos 100 anos, passamos quase dois terços com vantagem nos enfrentamentos”*<sup>28</sup>.

A supremacia vermelha em clássicos começou com o famoso Rolo Compressor no início dos anos 1940. Porém, não podemos falar sobre esta grande formação sem citar um ponto crucial, a Liga da Canela Preta. Nos anos de 1930, mais precisamente em 1933, ano da profissionalização do futebol via ministério do trabalho o que não seria diferente no Rio Grande do Sul, tendo a capital gaúcha servido como potencializadora do processo, que por sua vez fomentou a expansão do principal clássico de suas divisas - o Gre-Nal. O profissionalismo, a regionalização das disputas, o aumento dos números dos jogos, a constituição de um público torcedor e principalmente a inserção do negro nas ligas de futebol no RS, ajudam a extrapolar e mostrar a importância que o futebol assume. *“Gre-Nal já era Gre-Nal desde a década de vinte, mas nos anos quarenta assumiria contornos até então restritos a uma disputa preponderantemente local”*.<sup>29</sup>

Durante mais de uma década (Começou em 1939 e prolongou-se até 1950, perdendo apenas o campeonato de 1946) o Internacional manteve a supremacia no futebol gaúcho com a histórica formação do “Rolo Compressor”, formado principalmente por jogadores negros, como Assis, Ávila, Abigail, os três ases, mais Alfeu, Tesourinha, Russinho, Vilalba, Rui, Carlitos, Ivo Winck e Nena. A formação era num clássico de dois zagueiros, uma linha de três médios e uma linha de frente avassaladora de cinco atacantes.

A Liga Nacional de Football Porto Alegrense era formada por clubes constituídos por mulatos e negros. A Liga da Canela preta, como era conhecida, contava com clubes como o Bento Gonçalves, nas cores vermelha e azul, o Riograndense, nas cores da bandeira do Rio Grande do Sul, o verde, amarela e vermelha, o Primavera, 1º de Novembro e 8 de Setembro. A liga iniciou por volta de 1912 e alcançou seu auge em 1920.

São poucas as fontes sobre a liga da canela preta tanto em jornais ou em relatos de pessoas e jogadores que presenciaram a época.

“Qualquer tentativa de obter informações mais detalhadas esbarra no esquecimento ao qual os “canelas pretas” parecem estar condenados. Dada a época em que existiu a referida liga, torna-se inócua a procura por pessoas –

<sup>28</sup> Revista do Internacional, Edição N°. 36, Ano 5, fevereiro de 2009, p. 03.

<sup>29</sup> DAMO, Arlei Sander. Para o que der e vier. O pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Gremio de Football Portoalegrense e seus torcedores. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, UFRGS, 1998, p.105



“velhos”- que dela tenham participado. Os relatos orais, de antigos moradores da Ilhota ou representantes da comunidade negra, geralmente não a mencionam ou o fazem apenas superficialmente. Alguns documentos que, segundo dizem, poderiam ser encontrados na Sociedade Satélite Prontidão, identificada com a comunidade negra, foram dizimados na enchente de 1941”<sup>30</sup>

Tesourinha foi um dos exemplos dos principais jogadores negros retirados pelo Internacional dos times periféricos para compor seu elenco. Com atitudes como esta o “*Rolo*” obteve seus principais resultados enquanto o co-irmão continuava a não aceitar pessoas negras tanto em seu quadro social quanto no seu plantel, e amargou mais de uma década de reveses.

Após os anos dourados do Rolo Compressor o Sport Club Internacional necessitava de algo a mais, e isto aflorava quando falávamos de um estádio de futebol, uma nova casa para o clube, pois o estádio dos Eucaliptos<sup>31</sup> já não mais sustentava os sonhos e ambições do clube rubro.

O estádio dos Eucaliptos está localizado no bairro Menino Deus, ele foi inaugurado no dia 15 de março 1931. Suas arquibancadas eram de madeira e tinha capacidade de abrigar cerca de dez mil pessoas. O campo servira de palco para apresentações de gala do Rolo Compressor, porém, os tempos agora eram outros, o clube aspirava por um estádio do tamanho das glórias que estavam por vir.

Chegara o momento de o Colorado construir um novo lar, um novo palco para espetáculos, um gramado digno da grandeza do seu time e arquibancadas que pudessem acolher todos os torcedores vermelhos.

Após certo período de desencontros quanto à ampliação do estádio dos eucaliptos<sup>32</sup>, no dia 12 de setembro 1956 o clube conseguiu auxílio da Câmara Municipal de Porto Alegre, que doou ao Internacional uma área de 13 hectares as margens do rio Guaíba destinada a construção de um novo estádio. O projeto que beneficiou o clube foi do vereador e ex-presidente alvirrubro Ephraim Pinheiro Cabral.

A partir deste momento o Beira-Rio passava de um sonho improvável à uma dura realidade. Ainda havia um grande impedimento para o início das obras - era necessária a realização de drenagem e aterramento do terreno. É neste momento que

---

<sup>30</sup> DAMO, Op. Cit., p. 102

<sup>31</sup> O estádio dos Eucaliptos havia sido uma das sedes da Copa do Mundo de 1950 realizada no Brasil. Porém desde a inauguração do estádio Olímpico Monumental, pertencente ao Grêmio, em 1954, que para a época seria o maior estádio particular do mundo. Após a inauguração do Olímpico, perdeu muito da sua imponência na disputa entre os dois clubes.

<sup>32</sup> Existiam diferentes discussões de como proceder acerca do estádio, alguns defendiam a tese de ampliar os Eucaliptos, ou defendiam a necessidade da construção de uma nova casa.

surge a figura do engenheiro Telmo Thompson Flores que chefiava o Departamento Nacional de Obras e Saneamento (DNOS).

“Para sorte do Internacional, o diretor regional do Departamento Nacional de Obras e Saneamento – DNOS, era o engenheiro Telmo Thompson Flores, grande colorado, que abraçou sem hesitações a idéia da construção de um novo estádio. Era o homem providencial para aquele momento, pois já estava engajado na tarefa de aterrar a orla do Guaíba, transformando-a num lugar propício para o lazer da população da cidade”<sup>33</sup>

Fazendo uso da *Draga Ster*, máquina de última geração que havia sido usada para serviços no aterro do Saco do Cristal e na área dos Veleiros do Sul, com grandes esforços e uma ajuda indispensável do poder público o Sport Club Internacional começava a vislumbrar um novo estádio. Para a realização desta empreitada hercúlea de construir um estádio sob as águas do Rio Guaíba, foi formada uma comissão de obras constituída pelo engenheiro Telmo T. Flores, Ruy Tedesco, Aldo Dias Rosa, Arno Larsen, Eraldo Hermann e presidida pelo comerciante português Jose Pinheiro Borda<sup>34</sup>, que há muito escolhera o Brasil como pátria e o Colorado como Clube do Coração.

As piadas sobre o novo estádio eram fartas, os adversários azuis gostavam de provocar os vermelhos chamando pejorativamente as futuras instalações de Bóia Cativa. Até que, no dia 06 de julho de 1963, o S.C.I. lançou convite para a inauguração da pedra fundamental do estádio - “anunciando festivamente o lançamento da pedra fundamental do seu novo e majestoso estádio”<sup>35</sup>, onde convocava toda a *torcida rubra se fazer presente*<sup>36</sup>.

No dia seguinte, aos 07 de julho de 1963, foi lançada a pedra fundamental do estádio, em um grande evento que contou com a presença de muitas pessoas, desde torcedores anônimos até colorados ilustres. O bispo auxiliar de Porto Alegre Edmundo Kunz foi quem comandou a cerimônia religiosa de inauguração- conforme jornal da época. Segundo o próprio Pinheiro Borda, o bispo era “*um grande colorado*”<sup>37</sup>, festividade a qual reuniu toda a família colorada, as bandas marciais das Dores e do Assunção, escolas de ensino regular que pertenciam a congregações religiosas, autoridades como o prefeito da cidade e representantes do governo estadual.

<sup>33</sup> BRAGA, Kenny. Inter 90 anos de paixão. Porto Alegre: Já Editores, 1999, p. 51.

<sup>34</sup> Jose Pinheiro Borda era cidadão honorário de Porto Alegre, ex-presidente do Jockey Club, ex-presidente do conselho deliberativo do Internacional e sócio benemérito. Tinha em seu currículo a construção do hipódromo da capital.

<sup>35</sup> Jornal Ultima Hora 07/07/1963

<sup>36</sup> Idem

<sup>37</sup> Jornal Ultima Hora 08/07/1963, contra capa.

Nas palavras do jornal o lançamento da pedra fundamental reuniu nos festejos “Homens, mulheres e crianças, pobres e ricos, brancos e pretos, confraternizando naquele amalgama que faz do Internacional o Clube do Povo”<sup>38</sup>. Mostrando todo o espectro de torcedores e simpatizantes do clube.

Dois episódios ainda marcariam o período das obras do novo estádio: a morte do presidente da comissão de obrar, José Pinheiro Borda, e a famosa campanha do tijolo realizada pelos idos de 1967.

Cabe destacar que em 25 de abril de 1965 faleceu de maneira prematura e brusca José Pinheiro Borda, conforme destacou a Zero Hora do dia 27 posterior. Pinheiro Borda era a peça fundamental para concretização do sonho colorado. Com o seu falecimento, ocorreram dois fatos importantes na trajetória da construção do Beira-Rio, o primeiro se deu algumas horas após seu falecimento, que foi o de batizar, em forma de homenagem, a futura construção com o nome do português. A idéia foi do então presidente do clube Manoel Braga Gastal, que a beira do tumulo disse: “Velho amigo, irmão e pai. Passaste hoje pela ultima vez – levado por teus amigos, irmãos e filhos – pelo Novo Estádio que tanto amaste e que, no futuro, há de levar o teu nome.”<sup>39</sup>

A partir deste momento a comissão de obras pró-estadio ficava sem presidente. A construção não podia parar, era necessária a escolha de um novo comandante para a comissão. Conforme o estatuto e regimento interno, o novo nome deveria ser indicado pelo vice-presidente de patrimônio e ser homologado pelo presidente do clube. O nome escolhido foi o do economista e conselheiro do clube Aldo Dias Rosa, que já compunha a comissão. Ainda no mês de abril de 1965 a comissão recebeu um novo mandatário que foi ratificado pelo conselho deliberativo do clube.

A campanha do tijolo foi um dos momentos simbólicos mais importantes durante as obras - foi através desta campanha onde colorados famosos e anônimos poderiam doar todos os tipos de material de construção para erguer o novo estádio, as principais doações eram de tijolos, areia e ferros de construção, que eram deslocados de todas as partes do estado. Quanto às doações; existiam programas especiais no rádio que incentivavam a doação de materiais de alvenaria para as obras. Este foi um processo importante para o imaginário colorado, pois através desta campanha todo o torcedor acaba se sentindo parte da obra. Era o próprio povo que estava construindo uma nova casa para o Clube do Povo.

---

<sup>38</sup> Jornal Ultima Hora 08/07/1963, p. 23

<sup>39</sup> Jornal Zero Hora 27/04/2965

Após muitos investimentos (NCr\$ 3.428.000,00)<sup>40</sup>, trabalho e mais de dez anos de expectativas a nova morada estava pronta. No mês de abril de 1969 o Internacional promoveria a inauguração do José Pinheiro Borda, ou como ficaria conhecido, o Gigante da Beira Rio. Naquela tarde do dia 06 de abril, Rui Tedesco cortaria a fita simbólica, entregando o Gigante para os torcedores colorados. Uma bela passagem do jornal Zero Hora, intitulada; *Onde estão, hoje, os que duvidaram?* simboliza todo o esforço, significado e concretização do sonho que era o S.C.I. ter uma casa nova e do tamanho de sua grandeza.

“A Bóia Cativa. O desafio. De cada galhofa, um incentivo. De cada tijolo, uma esperança. Tal como o nascer de um mundo novo. Antes era o nada. Depois veio o tudo. Na seqüência fotográfica a eloqüência do que pode fazer o idealismo e a fôrça de vontade. palavras vazias, dirão muito. De qualquer forma, sempre que se escrever ou disser algo sobre o Beira-Rio, será impossível de gizar o inicio, quando tudo era o sonho, e na minha opinião e de quase todos, irrealizável. Há uma passagem muito interessante do velho Pinheiro Borda, que, por certo, amanhã, estará presente em espírito no agora Gigante. Olhando a imensidão do Guaíba, alguém duvidou do amanhã. Pinheiro Borda, no dia seguinte, mandou ao amigo, de presente, uma garrafa cheia de água do Guaíba. E um bilhete. (Guarde. Daqui mais dez anos, ninguém poderá tirar água deste local. Aqui estará o estádio.)”<sup>41</sup>

O time escolhido para jogar contra o colorado na disputa de inauguração foi o Benfica de Portugal, que tinha como principal jogador o “Pantera Negra” Eusébio, que fora um dos grandes destaques da Copa do Mundo de 1966. O Internacional começou batendo o Benfica por 2 gols a 1 no festival de inauguração, como era chamado o evento e conjunto de jogos que marcavam as comemorações e festejos da nova casa rubra, que durou cinco dias. Coube à seleção brasileira no jogo da noite contra o Peru, inaugurar os refletores do estádio, outra grande novidade para o período. Os refletores do Gigante contavam com mais de sessenta lâmpadas de mercúrio, sendo, conforme anunciava o jornal Zero Hora: “o Gigante mais claro do mundo”<sup>42</sup>, não existia lugar nenhum no mundo que brilhasse tanto. Para pensarmos a importância da iluminação artificial, podemos fazer uma comparação com o estádio Olímpico que não possuía sistema iluminação artificial, e que após a inauguração do Beira-Rio tentou responder ao rival e a seus próprios torcedores com a inauguração de refletores novos no estádio Olímpico. O jogo de inauguração seria contra o Internacional, episódio que ficou conhecido como Gre-Nal da Luz.

---

<sup>40</sup> Valor gasto até fevereiro de 1969. Jornal Zero Hora 05/04/1969. p.06. O salário mínimo em maio de 1969 era de NCr\$ 156,00.

<sup>41</sup> Jornal Zero Hora 05/04/1969, p.23

<sup>42</sup> Jornal Zero Hora 21/03/1969, Contra capa

Ainda tiveram mais jogos para comemorar o novo estádio: Internacional 4x0 *Peñarol*, e claro que não podia deixar de haver um Gre-Nal. Como era tradição entre os dois clubes. O clássico, como de costume, foi muito disputado e duro, terminando com o resultado de 0 a 0, com o jogo encerrado após uma briga generalizada entre as duas equipes. Ao total, três clubes (Internacional, *Peñarol* e Grêmio) e três seleções (Brasil, Peru e Hungria) participaram do Festival de Inauguração.

Tamanha foi a repercussão e importância alçada pelo Beira-Rio, que logo após sua inauguração o estádio já estava sendo requisitado para sediar jogos amistosos entre a seleção brasileira que se preparava para a Copa do Mundo de 1970 e jogos finais da Copa Libertadores, chegando também a ser especulado para sediar jogos mundialito de 1972, conforme destacava os jornais da época.

“Stanley Rous, que é “sir” e presidente da FIFA, deverá vir ao Brasil logo após a disputa da Taça Rocca, em Buenos Aires, fixada para o mês de julho. Rous vem vistoriar os estádios que irão sediar os jogos da Taça Independência do Brasil, em 1972. Em sua companhia, estará também, o secretário geral da entidade mundial Helmut Kaser e Ken Aston, presidente da comissão de arbitragem da FIFA. O primeiro estádio a ser visitado é o Beira-Rio pois o reduto do colorado bicampeão gaúcho é um dos que terá a maior programação na Mini-Copa do Mundo. Os três representantes da FIFA voarão de uma das outras cidades em que haverá jogos da Taça Independência num jatinho já fretado pela CDB, e que ficará à disposição Rous, Kaser e Aston, durante os quatro dias que permanecerão no Brasil”<sup>43</sup>

Com a construção do José Pinheiro Borda, a cidade de Porto Alegre entrou de vez para o cenário futebolístico nacional dos grandes estádios, o Rio de Janeiro tinha o Maracanã e São Paulo tinha o Morumbi.

## 2.1. Estádios, a casa do povo.

O estádio pode ser considerado um teatro para apresentações; temos o público (torcedores), as cadeiras divididas das mais diferentes formas (arquibancadas), o palco (campo) e os atores (jogadores). Eles estão presentes no cotidiano das pessoas há muito mais tempo que imaginamos. Desde a antiguidade clássica; tanto gregos quanto romanos possuíam espaços semelhantes aos modernos. O “*stadion*” grego servia como espaço de comemoração de festivais religiosos e para a competição atlética, e localizavam-se nas áreas rurais. Os romanos possuíam o Coliseu, que tinha a capacidade de receber cerca de 50.000 pessoas- local de intensa disputa desde as

<sup>43</sup> Jornal Zero Hora 28/01/1971, p. 26

corridas de Biga até os enfrentamentos diretos dos gladiadores. Se nos deslocarmos para a América pré-colombiana veremos a presença das quadras de bolas que possuíam local determinado para os espectadores com acentos.<sup>44</sup>

As construções atuais dos estádios continuam, em sua maioria, no mesmo formato circular e arredondado da antiguidade<sup>45</sup>. Esta arquitetura tem como objetivo fazer com que tudo o que aconteça no seu centro possa ser visualizado por todos que estão ao seu redor. O arquiteto escocês Archibald Lietch, foi quem idealizou as primeiras construções com as arquibancadas duplas e triplas. *Seu projeto básico consistia em três arquibancadas abertas (chamadas de ends ou kops aquelas que ficavam atrás dos gols), sobrepostas por uma grande arquibancada coberta (mainstand), com duas fileiras, em volta do gramado.*<sup>46</sup>

Além disso, o estádio é um espaço de um ritual<sup>47</sup>, o ritual do futebol, conforme é destacado pelo historiador inglês John Bale, é o “*santuário do mundo industrial*”, não é à toa que muitos homens e mulheres comparecem semanalmente aos estádios para verem seus times jogar, como se outrora fossem a cultos religiosos, assim temos mais uma semelhança entre o sagrado e o profano, pois tantos os cultos religiosos como os jogos têm a característica de acontecer nos finais de semana. Como afirma o escritor Eduardo Galeano:

“Ondulam as bandeiras, soam as matracas, os foguetes, os tambores, chovem serpentinas e papel picado: a cidade desaparece, a rotina se esquece, só existe o templo. Neste espaço sagrado, a única religião que não tem ateus exibe suas divindades. Embora o torcedor possa contemplar o milagre, mais comodamente, na tela de sua televisão, prefere cumprir a peregrinação até o lugar onde possa ver em carne e osso seus anjos lutando em duelo contra os demônios da rodada”<sup>48</sup>

É um lugar freqüentado para além da simples visualização do espetáculo, é um momento para exalar emoções e sentimentos, nos quais não poderiam fazer no privado. Como se fosse necessária esta *fuga semanal de casa*<sup>49</sup> para encontrar o alívio necessário que aquelas construções, geralmente ovais, trazem aos indivíduos e onde encontram

---

<sup>44</sup> Para um melhor entendimento da presença dos estádios nas culturas antigas ver: GAFFNEY, Chris. “A Brief History of Stadiums”.

<sup>45</sup> FRANCO JUNIOR, Op. Cit., p.272.

<sup>46</sup> CRUZ, Antonio Holzmeister Oswaldo . A virada econômica do futebol: observações a partir do Brasil, Argentina e uma copa do mundo. Rio de Janeiro; UFF, 2010, p. 69.

<sup>47</sup> Idem. 271

<sup>48</sup> GALEANO, Op. Cit., p.14.

<sup>49</sup> Idem, p.14

outros *peregrinos companheiros*<sup>50</sup> que fizeram as mesmas escolhas e passaram por mesmos caminhos, até chegar ao santuário.

Os estádios fazem parte da arquitetura das cidades assim como as igrejas, hospitais, escolas, delegacias, supermercados, eles já estão inseridos na lógica urbana, são utilizados como comunicadores de mensagens ideológicas<sup>51</sup>. Muitas vezes são os maiores espaços de convivência disponíveis nas cidades<sup>52</sup>, logo, servem como um importante lugar para as pessoas compartilharem e dividirem emoções com um número expressivo de pessoas, como a alegria do grito de gol ou as vaias para o centroavante que errou um ‘gol feito’ ou ainda o juiz que não assinalou pênalti para o seu time. Sem contar o uso que os Estados podem fazer do espaço. Os Estados latino-americanos fizeram amplo uso dos estádios durante as ditaduras civil-militares, o governo do General Augusto Pinochet, no Chile, utilizou o estádio Nacional como campo de concentração e tortura, já o Governo do General Videla na Argentina utilizou a Copa do Mundo de 1978 como forma de legitimar seu poder. No Brasil, temos dois casos de utilização durante as ditaduras. Durante o Estado Novo do presidente Getulio Vargas, eles eram utilizados nas comemorações do Dia do Trabalho no primeiro de maio, para promulgação das leis trabalhistas e do salário mínimo. Os governos militares utilizaram principalmente como forma de exaltação da nação, o presidente militar Médici gostava assistir e se fazer presente durante os jogos da seleção, sempre colando o sucesso da equipe com o sucesso do país, tanto que tinha um bordão ufanista: “temos a maior seleção de futebol do mundo (seleção de 1970), com o maior jogador (Pelé), dentro do maior estádio do mundo (Maracanã)”.

Podemos compreender esta construção de aço e cimento como algo muito além do físico, da imobilidade, é um lugar complexo e cheio de nuances não percebidas ao primeiro olhar.

“Obviamente, estádios são construídos para que nós possamos praticar e patrocinar o esporte, mas os modos pelos quais estádios são construídos, gerenciados, experimentados e compreendidos são tão diferentes quanto os eventos que ali ocorrem. Os significados e história que eles contem, representam e produzem são inseparáveis das culturas aonde existem. Como elementos fundamentais da paisagem cultural urbana, estádios comunicam mensagens ideológicas envolvidas em estruturas discursivas que, por sua vez, são informadas por processos geográficos multiescalares. Isto é, quanto mais olhamos e pensamos sobre os estádios, mais complexos eles se tornam.

---

<sup>50</sup> GAFFNEY, Op. Cit., p. 22

<sup>51</sup> GAFFNEY, Op. Cit., p.03

<sup>52</sup> FRANCO JUNIOR, Hilário. p.276.

Usando os estádios como lentes para observar culturas, examinamos processos históricos, econômicos, políticos, socioculturais, tecnológicos e globalizantes na medida em que são expressos no nível local.”<sup>53</sup>

Os estádios ainda exprimem outros espectros de análise, como a sua iconografia, onde os setores das arquibancadas sugerem mensagens sobre classe, normas e as experiências comportamentais das pessoas - pois temos os setores das arquibancadas populares ou os espaços das cadeiras de luxo, como os camarotes e as áreas VIPs. Existe uma clara divisão de classe, entre os torcedores do mesmo time. Onde os *embates de classe*<sup>54</sup>, são exemplificados pela ocupação por diferentes lugar dentro do estádio, pelos valores cobrados para cada setor.

“Os mundos espaciais e culturais interconectados do esporte sugerem que os estádios são umas das mais extensivas construções humanas. A palavra “extensiva” sugere que os estádios são “pontos nodais em redes de comunicação” e que as estruturas, significados e efeitos dos estádios estão imbricadas em um complexo conjunto de relações sociais que se estendam para frente e para trás no tempo e espaço. Porque eles são locais de convergência, estádios reúnem um amplo espectro da sociedade em um espaço limitado em um período limitado, que tende a aumentar o valor social do estádio e o valor econômico dos lugares (assentos) dentro do espaço do estádio.”<sup>55</sup>

Na América Latina e no Brasil os estádios possuem algumas características próprias. Uma delas é quanto a sua utilização e seu caráter, poderíamos denominar estes espaços como “*quase-públicos*”. Conforme Gaffney, *Espaços quase-públicos são aqueles que permitem o acesso do grande público sob condições temporais e sociais específicas determinadas pelos seus interesses dominantes*<sup>56</sup>. Pois os estádios geralmente são uma propriedade privada, tem função e período de utilização determinados, ou seja, são utilizados em jogos e abrem e fecham conforme horário previsto. Conforme Gaffney mesmo quando o estádio pertence ao poder público, existem algumas restrições quanto a sua utilização, preponderantemente econômicas. Sendo assim, espaços que funcionam com uma periodicidade determinada.

Outro ponto importante foi quanto ao período de construção dos estádios, que se deu principalmente no mesmo momento da expansão demográfica e espacial das

<sup>53</sup> GAFFNEY, Op. Cit., p. 03

<sup>54</sup> CANALE, Vitor. O torcedor torce, o consumidor compra e o sócio-torcedor? – Apontamentos sobre a cidadania pelo consumo no futebol paulista. Publicado em: <http://www.torcedores.org.br/blog/2011/10/14/o-torcedor-torce-o-consumidor-compra-e-o-socio-torcedor-%E2%80%93-apontamentos-sobre-a-cidadania-pelo-consumo-no-futebol-paulista/>

<sup>55</sup> GAFFNEY, Op. Cit., p. 16

<sup>56</sup> Idem, p. 28



idades, que promoviam a sua reorganização espacial e modernização das cidades conforme os estilos europeus, com especial adesão ao estilo francês<sup>57</sup>.

O período mais fértil da construção dos estádios se deu principalmente a partir da década de 1940 e 1950 com a inauguração do estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, do Pacaembu em São Paulo, em Porto Alegre temos o Olímpico Monumental. Conforme destaca Gaffney:

“Concomitante com as tecnologias inovadoras que permitiram às cidades latino-americanas construir edifícios públicos monumentais com concreto reforçado, os anos 1940 e 1950 foram um período de construção de estádios sem paralelos na América Latina. Se não foram necessariamente imaginados como monumentos, muitos dos estádios financiados pelo Estado eram de dimensões imensas, criando espaços públicos cavernosos que eram mais produtos de ideologias políticas do que de um projeto urbano funcional.”<sup>58</sup>

Esta foi outra característica importante dos estádios brasileiros, que contaram muitas vezes com grande auxílio de verbas públicas para sua realização, reforçando assim laços de clientelismo e assistencialismo político. O Maracanã teve sua construção totalmente financiada pelo poder público municipal, seria utilizado pela seleção brasileira na copa de 1950. O Beira-Rio que apesar de pertencer ao Sport Club Internacional contou com apoio da Câmara Municipal na doação do terreno. Por todas estas questões, tanto de expirações modernizantes quanto de financiamento estatal, o Brasil possuía na década de 1970 numero expressivo de estádios, ainda mais se levarmos em conta que dos dez maiores estádios do mundo oito estavam sobre o solo brasileiro. Por exemplo: Porto Alegre contando o Beira-Rio, mais o estádio Olímpico, tinha a capacidade de abrigar 11% da sua população, em 1969 dentro dos estádio. Mostrando o tamanho da importância e a imponência que os estádios representam dentro do plano geográfico de uma cidade. Sendo geralmente as maiores construções.

---

<sup>57</sup> CRUZ, Op. Cit., p. 89.

<sup>58</sup> GAFFNEY, Op. Cit., p. 31

### 3. PRIMEIRO LÁ, DEPOIS AQUI: O ESTÁDIO, AS PULSÕES EXTERNAS E OS REFLEXOS LOCAIS.

Muitas coisas mudaram no mundo durante os anos de 1992 e 2010. O mundo passou por muitas transformações nestes quase vinte anos, desde aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais. E como não podia deixar de ocorrer estas mudanças se fizeram perceber também nos estádios de futebol, primeiro na Europa e depois no resto do mundo. E como não poderia deixar de ser, neste mundo globalizado que ai está, o Beira-Rio também foi atingido.

O Brasil sempre se caracterizou pela importação de conceitos e idéias européias, tendo elas como as mais inovadoras. Isso ocorreu desde campos como economia, cultura, artes e o próprio esporte, vide o caso do futebol. As mudanças propostas para a modernizar os estádios no país tem sido aceitas com grande naturalidade, como se a aceitação destas mudanças nos tornaria tão modernos e desenvolvidos quanto os outros. Algo muito parecido com o que Stédile destaca para a chegada do futebol por estas terras no final do século XIX.

“Ainda que sua difusão não coubesse apenas à elite - nacional ou britânica - intrínseco ao futebol estava um discurso de modernidade, que não se limitava à prática esportiva, em que os ideais —civilizadores europeus eram incorporados por estas elites locais, imaginando-se como portadoras dos mesmos valores modernos, mesmo que com os pés na periferia do sistema”<sup>59</sup>

Poucos argumentos contrários a modernização de nossos estádios são colocados nas mesas de discussão. Claro que com a proximidade da Copa do Mundo de 2014 estas colocações questionadoras são levantadas em muito menor grau. Não interessa aos clubes, governos e principalmente a mídia terem o nosso futebol e nosso país taxados de atrasados. O Brasil vive sob a tutela daquele verso da musica “não temos tempo a perder” - há muitos anos somos encarados como a nação do futuro, um gigante adormecido, prestes a despertar.

Nos últimos anos, tanto a mídia quanto os próprios governos têm feito uso dos eventos esportivos para se legitimarem e alavancar seus trabalhos. Estou me referindo mais especificamente aos megaeventos que o Brasil vem promovendo, como os jogos Pan americanos de 2007 na cidade do Rio de Janeiro e futuramente os jogos olímpicos

---

<sup>59</sup> STÉDILE, Op.cit., p.41

de 2016, mas principalmente no que tange a Copa do Mundo de 2014, evento muito emblemático quando se fala do “país do futebol”.

“Desde a última década do século XX, o governo brasileiro vem demonstrando um empenho cada vez mais claro no sentido de atrair e realizar grandes competições esportivas internacionais. Tal movimento culminou com resultados positivos nos últimos anos: em 2002, conquistamos o direito de sediar os jogos Pan-americanos de 2007, na cidade do Rio de Janeiro; cinco anos depois, atingimos a tão almejada condição de país-sede da Copa do Mundo de 2014; Em todos esses momentos, percebemos a necessidade de empenho conjugado das três esferas de governo.”<sup>60</sup>

Os esforços dos governos sejam eles federal, estadual ou municipal neste sentido muitas vezes são desmedidos, desde as construções de estádios, parques, complexos esportivos, grandes obras de infra-estrutura. Ou em casos mais problemáticos com a isenção de impostos para reformas de melhorias ou construções de obras. Pois estas verbas acabam sempre sendo desviadas de áreas com grande demanda investimentos, como a saúde e educação. Estes megaeventos tem sido de uma preocupação tão evidente por parte do poder público que acaba explicitando-se com uma meta de política publica no Brasil.<sup>61</sup>

E para desmentir estas proposições, nos submetemos em muitas ocasiões aos mandos e desmandos dos poderosos, pois precisamos nos modernizar e nos desenvolver a todo custo, por que como pode o país da melhor seleção do mundo não possuir as melhores condições e estádios para sediar eventos esportivos de grande porte como uma Copa do Mundo ou Olimpíadas.

Quanto a isso me refiro principalmente ao papel da entidade máxima do futebol, a FIFA. A *Federação Internacional de Futebol Associado* (Fédération Internationale de Football Association), que congrega 208 entidades, leia-se países ou territórios, número superior aos das Organizações das Nações Unidas (ONU) com 193, e do Comitê Olímpico Internacional com 205, ficando atrás somente da Associação Internacional de Federações de Atletismo (IAAF) com 212 membros. Toda esta abrangência de influência da entidade deve-se muito ao trabalho de seu ex-presidente Jean Marie Faustin de Godefroid Havelange, ou simplesmente João Havelange, que apesar do ter este nome europeu ele é brasileiro. Ele comandou a entidade durante 24 anos (1974-1998).

---

<sup>60</sup> MASCARENHAS, Gilmar. Globalização e espetáculo: o Brasil dos megaeventos esportivos. Esporte, globalização e negócios: o Brasil dos dias de hoje in: DEL PRIORI, Mary e MELO, Victor Andrade de. (orgs) Historia do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 505

<sup>61</sup> Idem, p. 505

Um dos primeiros e principais objetivos de João Havelange ao assumir a FIFA foi o de tornar o futebol uma mercadoria rentável, como ele mesmo colocou: veio vender um produto chamado futebol<sup>62</sup>. O seu trabalho foi tão bem sucedido que este “idoso monarca mudou a geografia do futebol e o transformou-o num dos mais esplendidos negócios multinacionais”<sup>63</sup>. E para isso acontecer foi necessário expandir os laços da entidade no maior número possível de países, refletindo preceitos capitalistas básicos por busca de novos mercados, matéria prima e mão-de-obra.

Durante a gestão de Havelange, ocorreu o acréscimo de 72 países junto a “Federação”, e se levarmos em conta o período de 1974 até 2006, temos um crescimento de 53% no número de filhados - em números absolutos são 72 novos países (crescimento após 1974, África 43%, América do Norte, Central e Caribe 59%, América do Sul 0%, Ásia 44%, Europa 65% e Oceania 266%). E estes algarismos ficam ainda mais representativos quando percebemos que o crescimento percentual de filhados por continentes é extremamente parecido. Se levarmos em conta que as duas exceções foram a América do Sul (possuía poucos países) e Europa, com a adesão principalmente das antigas republicas soviéticas, os outros continentes foram completamente tomados, tendo a FIFA chegado a mares nunca antes navegados.<sup>64</sup>

Além desta mudança geográfica a entidade alcançou lucros quase que inimagináveis. Havelange realmente transformou o futebol em um produto realmente rentável, com ajuda de parceiros econômicos realizou a inserção do futebol na lógica do capitalismo. Assim como os produtos manufaturados e de capitais, os bens culturais ou simbólicos, no caso do futebol, são alçados nos mercados econômicos com grande evidência.<sup>65</sup>

Período denominado por Mascarenhas como a “virada dos 80”, quando tanto as FIFA quanto o COI, que são os realizadores dos mais importantes eventos esportivos do mundo passaram por uma reorganização política e econômica:

“Mas o fato é que podemos falar em uma “virada dos 80”, quando as duas entidades – Federação Internacional de Futebol Associação (FIFA) e Comitê Olímpico Internacional (COI) – reorganizaram-se profundamente, adotando novos princípios gerenciais, abrindo mão de velhos princípios para aderir a inserção plena do esporte no capitalismo e tornando-se duas das

<sup>62</sup> GALEANO, Op. Cit., p. 142

<sup>63</sup> GALEANO, Pó. Cit., p. 143

<sup>64</sup> FAVERO, Paulo Miranda. Os donos do campo e os donos da bola. USP, 2009, p.21-23.

<sup>65</sup> SOARES, Antonio Jorge Gonçalves & VAZ, Alexandre Fernandes. Esporte, globalização e negócios: o Brasil dos dias de hoje in: DEL PRIORI, Mary e MELO, Victor Andrade de. (orgs) Historia do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais São Paulo: Editora UNESP, 2009, p.488.

maiores multinacionais do mundo. Desde então, passaram a atrair poderosos patrocinadores e a vender os direitos de transmissão dos eventos em bases monetárias que crescem em progressão geométrica. Muito dinheiro para promover a grande festa, que é vista por bilhões de espectadores: espetáculo e globalização são duas palavras que sintetizam estes rituais”<sup>66</sup>

Para quem no início tinha como meios de arrecadação apenas as bilheteiras dos jogos e eventos, ou alguns produtos vendidos durante o dia das partidas, o esporte realmente conseguiu entrar de vez no mercado de capitais. No Brasil, durante os anos de 1996 e 2000, o PIB (Produto Interno Bruto) referente ao esporte cresceu em números percentuais 12,34% enquanto o PIB total da nação aumentou 2,25%<sup>67</sup>. Poderíamos levar em conta apenas a diferença entre os aumentos, já seria um bom argumento para investigar a importância do esporte para a economia, mas podemos pensar também o quanto este percentual está em expansão, uma vez que o país irá passar por 2 megaeventos nos próximos anos.

Marshall Berman destaca a existência de uma dialética entre a modernização e a modernidade.<sup>68</sup> Sendo a modernidade uma “*experiência vital*”<sup>69</sup>, uma experiência compartilhada no tempo e no espaço e vivida por homens e mulheres. “*E que, ao mesmo tempo, em que impele ao progresso contínuo, de transformação e autotransformação do mundo ao redor, desintegra vertiginosamente o mundo anterior*”.<sup>70</sup>

Quando falamos em modernização, a nossa primeira sensação é de benefício e melhorias, existe por parte da humanidade uma esperança renovadora nos objetivos a serem alcançados. Seria como esperar que com o advento da modernidade todas as questões em aberto fossem solucionadas. Segundo Berman, a modernização assume diferenças entre o ocidente desenvolvido e o oriente, e em países de terceiro mundo, nestes últimos lugares a modernização não consegue se desenvolver por completo, ela é demorada, truncada, travancada. Ela faz alusão às cidades como Paris de Baudelaire e São Petersburgo de Dostoiévski<sup>71</sup>. Para esta mesma questão podemos inserir o Brasil, e mais especificamente os estádios de futebol, fazendo referência ao Castelo de Cristal, onde as pessoas jogariam todas suas esperanças, sonho, fantasias e desejos de renovação, como se esta construção fosse a tênue linha dividindo o antigo do moderno.

<sup>66</sup> MASCARENHAS, Op. Cit., 2009, p. 506-507

<sup>67</sup> SOARES & VAZ, Op. Cit., p502

<sup>68</sup> BERMAN, Op. Cit., p.25

<sup>69</sup> Idem, p. 24

<sup>70</sup> STÉDILE, Op. Cit., p. 41

<sup>71</sup> BERMAN, Op. Cit., p. 268

“Num pólo, podemos ver o modernismo das nações avançadas, brotando diretamente da modernização política e econômica e obtendo visão e energia de uma realidade modernizada – as fábricas e ferrovias de Marx, os bulevares de Baudelaire -, mesmo quando desafia essa realidade de forma radical. No pólo oposto encontramos um modernismo que emerge do atraso e do subdesenvolvimento. Esse modernismo surgiu pela primeira vez na Rússia, mais dramaticamente em São Petersburgo, no século XIX; em nossa era, com o avanço da modernização – porém, geralmente, de uma forma truncada e desvirtuada com na antiga Rússia –, expandiu-se por todo o Terceiro mundo”<sup>72</sup>.

Característica muito semelhante com o que acontece com os estádios, onde as pessoas acreditam que após as mudanças estruturais e a tão propagada modernização todos os velhos problemas irão se resolver. A partir daí teremos melhores serviços, mais segurança, ingressos mais baratos, não seremos mais administrados por dirigentes corruptos e por aí vai. Esta ruptura com o passado está diretamente ligada à essência da modernidade<sup>73</sup>. A mídia desenvolve um importante papel de disseminação de que a modernização seria a melhor coisa do mundo, tanto para o esporte, onde os clubes, os jogadores e torcedores saíam ganhando. Por exemplo, o clube poderá arrecadar mais verbas com estacionamentos, lojas, restaurantes e outros pontos de consumo, já os torcedores, teriam locais mais seguros e espaços mais confortáveis para os espectadores. Se formos confrontar os dados de países como a Inglaterra, por exemplo, veremos que as mudanças não são assim tão positivas, nos últimos anos, as administrações dos clubes de futebol têm enfrentado fortes problemas de corrupção, o aumento de preço dos ingressos e uma conseqüente queda no número médio torcedores nos estádios.

A Inglaterra, no início dos anos 1980, já respirava os ares libertadores do neoliberalismo. A primeira ministra Margareth Thatcher havia sido eleita em maio de 1979 com a firme obrigação de reformar a economia. Os especialistas acreditavam que o sistema neoliberal poderia proteger a ordem social capitalista e resolver todas as mazelas do capitalismo que estavam escondidas sob as políticas públicas.<sup>74</sup> Isto era uma clara *“reação teórica e política veemente contra o Estado intervencionista e de bem-estar.”*<sup>75</sup>

Então, desde o começo dos anos 1980, o neoliberalismo começava afetar de forma definitiva a vida dos ingleses, como destaca Anderson- ele já era gestado desde o pós Segunda Guerra Mundial, e tinha como principal mentor Friedrich Hayek, que escreveu ainda em 1944 o celebre livro, O Caminho da Servidão. Obra na qual ataca

<sup>72</sup> Idem, p. 271

<sup>73</sup> STEDILE, Op. Cit., p.41

<sup>74</sup> HARVEY, Op. Cit., p. 31

<sup>75</sup> ANDERSON, Op. Cit., p.09

todos os mecanismo reguladores da economia por parte do Estado, dizendo que qualquer atitude intervencionista por parte dele se colocava como um ameaça as liberdades econômicas e políticas.<sup>76</sup>

O neoliberalismo tinha poderosos defensores nos mais variados meios da sociedade, desde a educação, meios de comunicação, instituições públicas e privadas,

“Bem como em instituições internacionais como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial e a Organização Mundial do Comércio (OMS), que regulam as finanças e o comércio global. Em suma, o neoliberalismo se tornou hegemônico como modalidade de discurso e passou a afetar tão amplamente os modos de pensamento que se incorporou as maneiras cotidianas de muitas pessoas interpretarem, viverem e compreenderem o mundo”<sup>77</sup>

Assim podemos compreender toda a força que o neoliberalismo representava para os preceitos econômicos, políticos e sociais. Ganhando ainda mais força com a crise do capitalismo 1973, onde o mundo encontrava-se em um momento de taxas de crescimento muito baixas e altas taxas de inflação. O único jeito de resolver a crise seria através de um Estado forte para exterminar os sindicatos e controlar o dinheiro, ao mesmo tempo em que fosse leviano com os gastos sociais e as intervenções econômicas.

Neste mesmo período o futebol inglês sofria com problemas de infra-estrutura dos estádios e de violência das torcidas, principalmente com os casos envolvendo os *hooligans*. O futebol inglês apresentava *sinais de crise*<sup>78</sup> que foram aprofundados com alguns acontecimentos.

“Tendo como pano de fundo a política neoliberal de Margaret Thatcher e o declínio do proletariado inglês, assim como o crescimento da imigração para a Europa, o hooliganismo devolveu diferenças perdidas – ou relegadas – entre os trabalhadores, estabelecendo novas formas de sociabilidade e acirrando desigualdades e hostilidades entre as torcidas.”<sup>79</sup>

Um dos episódios de maior repercussão foi na final da Copa dos Campeões da Europa de 1985, no jogo entre o clube inglês Liverpool e o clube italiano Juventus, realizado no estádio de Heysel na Bélgica. A tragédia ocorreu quando torcedores italianos tentavam fugir da perseguição por parte dos ingleses, que enfurecidos

<sup>76</sup> Idem

<sup>77</sup> HARVEY, Op. Cit., p. 13

<sup>78</sup> CRUZ, Op. Cit., p. 46

<sup>79</sup> AGOSTINO, Gilberto. Vencer ou Morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, p. 235.

ameaçavam contra suas vidas. Enquanto os torcedores da Juventus recuavam, o muro acabou desabou e os torcedores italianos morreram esmagados ou pisoteados, durante a confusão. O resultado foi de cerca de quatro dezenas de mortos e algumas centenas de feridos.<sup>80</sup>

Além deste fato, no “Heysel Stadium”, alguns meses antes ocorreu um incêndio nas cabines principais do estádio Valley Parade, em Bradford, durante um jogo da terceira divisão do campeonato inglês. Segundo consta, uma ponta de cigarro acesa foi o motivo do incêndio nas tribunas que ainda eram de madeira. O resultado foi de mais de cinquenta torcedores mortos e duas centenas de feridos.

Em 1989 ocorreu umas das piores tragédias envolvendo torcida sob solo inglês. Durante a final da FA Cup, no estádio Sheffield Hillsborough, no enfrentamento do Liverpool contra Nottingham Forest. A superlotação do estádio e a imprudência da policia ocasionaram a morte de quase cem torcedores entre homens, mulheres, crianças e idosos. Os torcedores se amontoaram em frente a um dos acessos ao estádio que já estava lotado e forçaram a entrada, com o receio de um confronto entre os torcedores, os portões foram abertos, ocorrendo o encontro dos torcedores que estavam do lado de fora com os que estavam dentro do estádio, estes últimos acabaram esmagados contra as grades de proteção que separavam a arquibancada do campo. Porque a policia estava com medo de uma invasão do gramado por parte dos torcedores (*hooligans*), assim proibiu a abertura das grades que separavam a torcida do campo.

Após estes acontecimentos o governo inglês instaurou medidas drásticas nos estádios, baseada principalmente no medo causado pelas manifestações de violência dos *hooligans* - a sociedade estava tomada por uma *ecologia do medo nos estádios*.<sup>81</sup> O *hooliganismo* era encarado como um problema social na Inglaterra<sup>82</sup>.

Para tentar estancar esta “panela de pressão”, que eram os *hooligans*, o governo inglês tomou um conjunto de medidas para reestruturar os estádios. Todas as modificações estavam baseadas no Relatório Taylor<sup>83</sup> que propunha basicamente eliminar os setores do estádio onde os torcedores ficavam de pé. Áreas estas denominadas de (*Kop ou Ends*) que se localizavam atrás das goleiras, onde não havia

---

<sup>80</sup> [http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/may/29/newsid\\_2733000/2733979.stm](http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/may/29/newsid_2733000/2733979.stm)

<sup>81</sup> GIULIANOTTI, Op. Cit.

<sup>82</sup> AGOSTINO, Op. Cit., p. 234

<sup>83</sup> O relatório feito em 15 de abril possui mais de oitenta páginas. Disponível em:

<http://www.southyorks.police.uk/sites/default/files/foi/significantpublicinterest/interim%20report%20hillborough.zip>



nem cobertura e nem cadeiras, apenas o concreto, que tinham como frequentadores assíduos os operários ingleses.

“Neste sentido, adquiriu muita relevância a cultura dos *Ends*, expressão oriunda das instalações do *FC Liverpool*, designando a parte do estádio onde os torcedores mais exaltados se reúnem, representação simbólica dos espaços a serem resguardados, ou, principalmente, conquistados. Denominados especificamente de *Kop*, na Inglaterra – nome de uma batalha travada pelas tropas inglesas durante a Guerra dos Bôeres (1899-1902) – os *Ends* transformaram-se, a partir da década de 1980, em espaços de contestação as mudanças não só do futebol, como também da sociedade, reunindo extremistas de direita, marcados pelo culto da virilidade, pela xenofobia e pelo racismo”<sup>84</sup>

Outro ponto foi quanto ao aumento da vigilância tanto interna quanto externa aos estádios. A utilização de câmeras passou a ser amplamente adotada. Nos anos 1970 estes equipamentos deixaram de ser usados apenas em estações militares ou fabricas e começaram a serem utilizados em espaços públicos: avenidas, estacionamentos, supermercados e etc. O estádio de futebol, segundo Giullianotti, foi um dos espaços pioneiros na utilização de câmeras para a vigilância do público<sup>85</sup>. A desculpa principal para promover a remodelação dos estádios, era para torná-los mais seguros e modernos e incentivar as famílias inglesas a frequentarem os jogos.

Infelizmente, a maior parte dos clubes ingleses, para não dizerem todos, não possuíam dinheiro para pagar todas as reformas necessárias. O estado inglês concedeu recursos na soma de 2 milhões de libras para cada clube, através do *football trust* - uma instituição administrada pelo governo que arrecadava fundos via loterias e impostos de apostas. Porém, como era de se esperar, essa quantia se mostrava irrisória frente a quantidade de demandas<sup>86</sup>. Então o clubes passaram adotar algumas medidas para aumentarem suas arrecadações, dentre elas destacam-se a majoração dos preços dos ingressos e principalmente a negociação de melhores quotas de transmissão com a televisão. Destaca-se o ano de 1992, onde os clubes da *Premiership*<sup>87</sup> fecharam acordos milionários com os canais de televisão via satélite.

“O Relatório Taylor, porém, forçou os clubes a buscarem novos e mais lucrativos acordos com as transmissoras de televisão, frente à exigência de reformas de seus estádios. Apesar de o governo britânico ter

<sup>84</sup> AGOSTINO, Gilberto. Op. Cit. 235

<sup>85</sup> GIULLIANOTTI, Op. Cit., p. 111.

<sup>86</sup> CRUZ, Op. Cit., p. 55

<sup>87</sup> Primeiro campeonato organizado pelos clubes da primeira divisão inglesa, marca o rompimento dos clubes com a Football League e a fundação da FA Premier League.

disponibilizado recursos para os clubes reformarem seus estádios, através do Football Trust, estes não eram suficientes para cobrir todas as despesas de reforma.”<sup>88</sup>

Após as experiências do Relatório Taylor, o futebol britânico floresceu e entrou em uma nova época. Este novo modelo de estádio (*all seater*), passou a ser adotado tanto pela FIFA como pela UEFA (União Européia de Futebol) em todos os seus eventos, durante a década de 1990 em diante. Nenhum torcedor poderia ficar em pé em partidas internacionais e continentais. Esta nova concepção dos estádios garante maior segurança e controle da multidão.<sup>89</sup>

Podemos perceber a vontade da FIFA, (com *all-seater*) em produzir um espetáculo cada vez mais “limpo”, comportado e harmonioso, esquecendo totalmente as características das arquibancadas, que são espaços de expressões corporais, cânticos e manifestações de liberdade por parte dos torcedores.

Este modelo aprisionante de estádio vem se difundindo pelo mundo. No final dos anos noventa, a FIFA impôs normas severas para jogos internacionais, incluindo esta: todos sentados, nada de carnaval, passeatas e movimentos afins. Os clubes aceitam, pois os novos consumidores, além de muito mais “comportados” (não interferem no andamento do jogo), aportam mais dinheiro nas bilheterias e consomem passivamente produtos dentro do estádio.<sup>90</sup>

A partir da aceitação e adoção destes parâmetros pelas principais entidades de futebol do mundo, eles começaram a serem exportados para os outros continentes.

Se entendermos a Copa do Mundo como o principal evento esportivo realizado pela FIFA, compreendemos que nestas mesmas ocasiões ela faz uso de todo seu poder simbólico e prático para transmitir e impor todos seus conceitos. Em 1994 tivemos um campeonato nos EUA, em 1998 foi a vez da França (dois anos antes tivemos a Eurocopa), em 2002 ocorreu no Japão e Coréia do Sul, a primeira Copa do Mundo da história na Ásia, assim como a África do sul em 2010 sediou o primeiro evento no continente africano. Em 2014, no Brasil, fecharemos o ciclo da passagem das copas por todos os continentes. Assim faltando apenas os estádios brasileiros adaptarem-se ao “padrão FIFA”.

---

<sup>88</sup> CRUZ, Op. Cit., p. 55

<sup>89</sup> GAFFNEY, Op. Cit. p. 12

<sup>90</sup> GAFFNEY e MASCARENHAS. O estádio de futebol como espaço disciplinar. Santa Catarina: UFSC, 2004, p. 09

### 3.1. Estádio Beira-Rio entre Exigências e Adequações

Ao mesmo tempo em que os estádios pelo mundo passavam por mudanças modernizantes a partir da década de 1990, no Brasil também começavam a ocorrer transformações, e os estádios começaram a ser moldados para um novo século. Aqui as mudanças visavam principalmente os grandes acontecimentos esportivos que o país sustentará. Porém, antes destas transformações completas, ocorreram outras mais sutis e que refletem totalmente as ações tomadas no velho continente.

Alguns acontecimentos são importantes para entender todo este processo de modernização e são eles que irei analisar: exclusão da “Coréia”, aumento da vigilância e reformas no estádios ao longo da primeira década dos anos 2000 em especial após a escolha do Beira-Rio como sede da Copa de 2014. Entendo estes momentos como fundamentais para entendermos a chegada da modernidade ao Gigante.

“A essência da modernidade é sua ruptura ansiosa com todos os traços do passado. Sua crença no progresso messiânico e redentor, aferida pela velocidade das transformações tecnológicas que a impelem. Como uma força contínua que não pode ser mais contida, a modernidade redesenha os espaços urbanos e carrega junto consigo novos modelos comportamentais e sociais.”<sup>91</sup>

Na final da Copa do Brasil de 1992, no estádio Beira-Rio, a diretoria disponibilizou sessenta e sete mil ingressos para o jogo. Eles foram divididos da seguinte forma: quatro mil de cadeiras numeradas, dezoito mil de arquibancadas superiores, vinte mil de arquibancadas inferiores, quinze mil de social<sup>92</sup>, e dez mil populares, correspondente a coréia<sup>93</sup>. Já na final da Copa Libertadores da América de 2010, a diretoria do Internacional disponibilizou a venda de apenas dez mil ingressos para o jogo, pois tinham que garantir o acesso a trinta e três mil e oitocentos sócios, mais os ingressos disponibilizados para os patrocinadores do evento, um número estimado de três mil crianças e mais os mil e duzentos ingressos correspondentes a torcida do *Chivas Guadalajara*. Quero mostrar a diminuição de ingressos disponíveis para os torcedores e principalmente a eliminação de um dos espaços mais populares do Gigante neste ínterim – a coréia. O número reduzido de ingressos de 2010 em contra posição a 1992 se dá principalmente pelo número elevado de sócios, porém este não é parte de análise no momento.

<sup>91</sup> STÉDILE, Op. Cit., p. 41-42

<sup>92</sup> A arquibancada social do estádio Beira-Rio localiza-se na altura da parte correspondente a arquibancada inferior.

<sup>93</sup> Jornal Zero Hora, 12/12/1992, p.44

No mês de maio de 2004 foi eliminado o setor da “coréia”<sup>94</sup> no Beira-Rio. Esta era a parte mais próxima que um torcedor poderia ficar do gramado do jogo, cerca de dez metros. A única coisa que separava os torcedores do campo era um arame farpado e um fosso. Em outros lugares do Brasil, como por exemplo no Maracanã, ela é conhecida como a popular. O setor havia sido planejado pelo engenheiro Ruy Tedesco em 1968, ele circundaria todo o gramado do Pinheiro Borda, e desde aquele tempo carregaria a sina de servir ao colorados mais humildes que não tinham dinheiro para pagar ingressos nos outros setores.

Por ser um fosso cavado abaixo da arquibancada inferior e abaixo do nível do gramado, os torcedores precisavam assistir aos jogos em pé, quase como se estivessem entrincheirados para uma batalha. Além disso, existe um outro incômodo para os “coreanos”: as placas publicitárias muitas vezes tapam a visão do jogo.

Conforme Tempass existem dois tipos de torcedores que freqüentavam a “Coréia”; os *nativos* e os *eventuais*, sendo que os primeiros eram aqueles que gostavam do local, e os segundos aqueles que eram forçados a freqüentá-lo por limitações econômicas.<sup>95</sup> São dois tipos distintos de torcedores, utilizam o setor por questões diferentes, enquanto o primeiro grupo não passa de cem pessoas, eventuais formam os outros sete mil e novecentos freqüentadores. E eles estão ali simplesmente porque o dinheiro aquele dia não deu para pagar um ingresso de inferior, como quase nunca dá, mas assim que puderem pagar um bilhete para assistir a partida da arquibancada logo acima, o farão, em resumo, não gostam da Coréia, a freqüentam por imposição.

Os “coreanos” estão diretamente ligados a sua condição econômica, são reconhecidos por não terem dinheiro, ou por em algum momento de sua vida terem enfrentado a falta de dinheiro. Outro aspecto importante da caracterização da “coréia” é que os torcedores negros compunham a maioria.

A ação de fechar da coréia em 2004 não foi uma atitude isolada, o mesmo havia sido feito o ano anterior no Maracanã, *a mudança atendia uma exigência da FIFA que o S.C.I. conseguiu empurrar com a barriga junto a CBF o quanto pode*<sup>96</sup>. Assim como na Europa os “Kop” e “Ends” foram liquidados, aqui no Brasil ocorreu o mesmo com estes espaços mais populares onde os ingressos eram os mais baratos e os torcedores ficavam

<sup>94</sup> Conforme o jornal Zero Hora 11/05/2004 o nome designava, desde os anos 1950, o setor de gerais do Maracanã, onde o torcedor também ficava de pé (já desativado). Como as torcidas se misturavam, sempre havia confusão, e o torcedor carioca acabou chamando o setor de Coréia – em alusão as Coréias, separadas desde a guerra dos anos 40 e que passaram a viver em constante conflito.

<sup>95</sup> TEMPASS, Op. Cit., p. 38.

<sup>96</sup> Jornal Zero Hora 22/05/2004, pg. 32

em pé. Além do fechamento da “Coréia”, o clube teve que atender a outra exigência da FIFA: demarcar e numerar (foram marcados com tinta branca) os espaços das arquibancadas, para que cada torcedor tivesse um lugar determinado. Numa clara tentativa de normatizar o espaço das arquibancadas, não permitindo que o público fique em pé. Em um gesto de confinar as pessoas não deixando ocorrer a interação característica do local, tornando este espaço muito assemelhado a locais de divertimento ordeiros, como cinemas ou teatros. Todos que freqüentam a arquibancada inferior do Gigante sabem que ninguém fica sentado para assistir aos jogos do Colorado.

Ao fechar a “Coréia”, o Beira-Rio perdeu primeiro a capacidade de abrigar oito mil torcedores que serviam de combustível aos jogadores nos momentos mais tensos e tumultuados dos jogos. Além de excluir totalmente aqueles torcedores de baixa renda que tinham como único espaço a coréia e aos românticos do esporte, a extirpação deste espaço simboliza o distanciamento cada vez mais evidente do futebol com o torcedor.

A questão da vigilância a nos estádios brasileiros também se faz perceber cada vez mais. Podemos pensar em duas partes primordiais neste aspecto: a vigilância humana e a mecânica. A vigilância humana corresponde ao numero de policiais destacados para cada cuidar de cada jogo, e a mecânica se refere aos equipamentos e meios físicos de manter a segurança. *“Nas últimas duas décadas, um conjunto progressivo de intervenções diversas, na arquitetura e nos regulamentos de uso, vem promovendo um aumento significativo do controle sobre os corpos, ritos e manifestações coletivas.”*<sup>97</sup>

O número do efetivo policial para o jogo de 1992 foi de trezentos e cinquenta policiais militares<sup>98</sup>, em 2010 o número cresceu para mil e cem policiais militares divididos da seguinte forma: quatrocentos e cinquenta para a segurança do estádio, mais quatrocentos e cinquenta para o policiamento no entorno do Beira-Rio e por ultimo mais duzentos homens para ficarem responsáveis pela área central da cidade.<sup>99</sup> O aumento do numero de policiais é realmente considerável, temos um diferença de pouco mais de duzentos por cento na quantidade de homens destacados para reforçar o policiamento ou a segurança nos jogos. Algo realmente absurdo quando consideramos que o a quantidade de torcedores presentes no estádio nos dois nem de perto dobrou. É apenas mais uma afirmativa quanto ao caráter da nossa modernização, ela não está

---

<sup>97</sup> GAFFNEY e MASCARENHAS, Op. Cit., p.03

<sup>98</sup> Jornal Zero Hora, 13/12/1992, p. 62

<sup>99</sup> Jornal Zero Hora, 17/08/2010, p. 33

calcada na inteligência, no trabalho de prevenção, e sim no mais antigo dos métodos de repressão, o uso da violência.

A vigilância mecânica é rastreada principalmente pela instalação de câmeras nas dependências e nos arredores do estádio. Em 2006 após um incidente de violência em um clássico Gre-Nal, a Secretaria de Justiça e da Segurança instalou duas câmeras de segurança em ruas próximas ao estádio. No ano seguinte foi inaugurada uma central de monitoramento de câmeras no Beira-Rio, o complexo possui mais de sessenta e três câmeras de última geração, com o poder de ampliar em até cinquenta e duas vezes a imagem e com funcionamento durante vinte e quatro horas do dia<sup>100</sup>. O clube gastou com esta central mais de cento e cinquenta mil reais. Este modelo de vigilância já era obrigatório na Inglaterra desde a década de 1980.

Em 2008 o jornal Zero Hora trazia uma reportagem com o seguinte título: “Longe do padrão FIFA”. O Beira-Rio ainda enfrentava alguns problemas na sua estrutura e precisaria passar por melhorias para atender todas as exigências da entidade, dentre elas estão: arame farpado separando a arquibancada do acesso ao gramado, rampas de acesso são insuficientes em dias de estádios lotados, formato do mictório (são coletivos, o ideal são individuais), mau cheiro e sujeira nos banheiros, grades pontiagudas separando as torcidas, arquibancadas de concreto (o ideal são cadeiras de plástico) e túneis de acesso dos jogadores ao gramado são muito estreitos.

Em fevereiro de 2009, o então ministro dos esportes em visita ao Beira-Rio fez a seguinte declaração: “*O modelo de modernização do Beira-Rio e o gerenciamento de sucesso do Internacional é bom exemplo para todos os clubes do Brasil, bem como os governos estaduais e demais instituições envolvidas na preparação do país para a Copa do Mundo de 2014*”<sup>101</sup>. Deixando clara qual seria a linha de modernização pensada pelo governo para os estádios brasileiros.

Ao ser escolhido como estádio que irá sediar aos jogos da Copa de 2014, o Sport Club Internacional entrou novamente em uma corrida frenética por transformações. A primeira questão são quanto as exigências da FIFA, para o estádio ficar dentro do padrão da entidade. Estas são reformas nos vestiários, tornando os vestiários iguais, tanto o do time da casa quanto o dos visitantes, colocação de cadeiras de plástico em

---

<sup>100</sup> Notícia do Site da Secretaria de Segurança Pública do RS, 21/06/2007. Disponível em [http://www.ssp.rs.gov.br/portal/principal.php?action=imp\\_noticias&cod\\_noticia=8103](http://www.ssp.rs.gov.br/portal/principal.php?action=imp_noticias&cod_noticia=8103)

<sup>101</sup> Revista do Inter. Março 2009, ano 5, n.º. 37, p. 07

todos os setores da arquibancada (padrão *all-seater*), aumento de vagas dos estacionamentos entre outras questões.

Concomitantemente existia um outro projeto de modernização é o “*Gigante para sempre*”. No qual o clube irá colocar cobertura sob todo o Pinheiro Borda, além de construir um hotel e um centro de medicina esportiva e outro de fisioterapia.

As obras deste projeto, não são condicionantes da FIFA para a realização da Copa do Mundo, como diz o presidente do clube, Vítório Piferro: “*A cobertura do Beira-Rio será uma obra exclusivamente para aumentar o conforto do sócio e torcedor colorado. Não é uma exigência da FIFA, mas é uma exigência do bem-estar do nosso associado.*”.<sup>102</sup> Como podemos ver todas estas obras são secundárias, nenhuma irá interferir diretamente no jogo, poderiam os mais afoitos querer reclamar a cobertura, mas se levarmos em conta a quantidade de estádio da Copa do Mundo de 2010, veremos que realmente está não é um artigo de primeira necessidade. Para construção da cobertura o Sport Club Internacional vendeu o seu antigo estádio, os Eucaliptos. Porém a verba não será suficiente para bancar todo o projeto. Segundo Emidio Ferreira<sup>103</sup>, outra maneira de arrecadação de capital será através do aluguel de camarotes e suítes, a serem construídas. Estas locações terão variação de três, cinco ou dez anos<sup>104</sup>. Através desta declaração podemos ver qual será a proposta de modernização do Gigante, privilegiando setores destinados a um público de alto poder aquisitivo, áreas consideradas VIP’s e Gold. Podemos destacar que um dos únicos espaços mais populares do estádio, será a transformação e ampliação da arquibancada inferior que tomará conta da desativa “Coréia”.

“A modernização, que assume viés de elitização em terras brasileiras, visa excluir por critérios econômicos uma vasta parcela de torcedores não só das benesses, mas do espetáculo futebolístico como um todo. Não há espaço para aquele que não está disposto a pagar o quanto os dirigentes acham que vale esse futebol brasileiro e nem tenha condições de consumir as diversas possibilidades apresentadas pelos estádios – lojas, lanchonetes de grife, restaurantes.”<sup>105</sup>

A pergunta que fica e que não é de difícil resposta é: quem pagará a conta desta modernização?

<sup>102</sup> Revista do Inter. Junho 2009, ano 5, n.º40, p. 03

<sup>103</sup> Vice-presidente de Patrimônio do Internacional na gestão 2009-2010.

<sup>104</sup> Revista do Inter. Março 2009, ano 5, n.º. 37, p. 11

<sup>105</sup> CANALE, Op. Cit., p. 02

## 4. TORCEDOR AO ESPECTADOR/CONSUMIDOR (1992-2010)

### 4.1. Torcedor, Torcedor do Povo

Quando se fala em torcedor de futebol logo nos vem à cabeça aqueles tipos totalmente uniformizados da cabeça aos pés com as cores do seu time do coração ou ainda aqueles que cantam e gritam por seu time de forma ininterrupta. Porém, os torcedores são algo a mais, são pessoas que de alguma maneira buscam um espaço de lazer, *de fuga do mundo do trabalho*<sup>106</sup>, buscam encontrar nos estádios e principalmente nos seus clubes um espaço de sociabilidade, de construção de laços sociais e de trocas. É isso que muitas pessoas que vão aos jogos de futebol buscam, e para alcançarem um pertencimento clubístico, fazem uso *de roupas e acessórios: camisetas do clube, bonés, calções, adesivos, relógios, bandeiras, abrigos ou outras peças. Os torcedores criam sociabilidades diversas no futebol*<sup>107</sup>.

A idéia não é termos um aprofundamento nos conceitos de torcedores, mas que possamos entender que existem alguns grupos distintos: espectadores, torcedores, torcedores uniformizados e torcedores organizados, definição conforme coloca Reis<sup>108</sup>. Os primeiros seriam os que não tem nenhum interesse pelas equipes em campo, estão apenas observando o espetáculo. Os segundos seriam os interessados em alguma das equipes, porém não possuem nenhum símbolo que os caracterize com os mesmos. E os dois últimos seriam torcedores que além de se identificar com alguma das equipes, possuem também uma identificação com uniformes, chegando ao caso final de possuírem uma segunda filiação além da sua equipe, seriam coligados a uma torcida<sup>109</sup>.

Ao falar de Sport Club Internacional sempre existiu um mito de clube popular, aberto a todos os tipos de pessoas da sociedade, tanto que leva até hoje a alcunha de “*Clube do Povo*”. Podemos ver esta questão exposta no jornal Zero Hora, que destaca que um dos principais papéis do clube foi de um “papel nacionalizaste e, democratizaste dos esportes em Porto Alegre e atingindo nos primeiros anos uma ilimitada popularidade”,<sup>110</sup> devido principalmente por surgir como uma alternativa para grande parte da população que ficava restringida de participar dos quadros sociais dos outros dois principais clubes que existiam na época, o Grêmio e o Fussbal.

<sup>106</sup> RODRIGUES, Op. Cit., 2010, p.130.

<sup>107</sup> Idem

<sup>108</sup> REIS, H. H. B. Futebol e sociedade: as manifestações da torcida. Tese (Doutorado em Educação Física) Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

<sup>109</sup> RODRIGUES, Op. Cit., 2010, p. 132

<sup>110</sup> Jornal Zero Hora 30/03/1965, p. 11



Claro que o fato de aceitar negros em seu time foi fundamental para atração de torcedores das mais variadas classes, principalmente dos negros que viam no time vermelho seus irmãos de cor. Por exemplo, quando da inauguração do Gigante, o jornal tinha uma crônica sob o título de “cem mil negrinhos”<sup>111</sup> fazendo clara indicação sobre os torcedores alvi rubros que trocariam de casa. Ou nas charges veiculadas nos jornais onde os colorados aparecem em sua maioria como cidadãos negros.

Segundo Damo, todo clube brasileiro tem um correspondente, um outro, um contraponto, Brasil de Pelotas o Pelotas, o Flamengo o Fluminense, e o Internacional tem o Grêmio, o seu eterno rival<sup>112</sup>. Podemos compreender isso como mais um forma de identificar o torcedor, no caso o Colorado como um anti-gremista.

“A própria frequência aos estádios, o domínio de informações de bastidores, o consumo de mercadorias associadas à imagem do clube e o comportamento durante os jogos, são apenas alguns dos tantos critérios elencados para classificar e hierarquizar as diferentes intensidades e formas de expressão do pertencimento clubístico. Não há, portanto, um "tipo ideal" de torcedor que possa ser generalizado. Ou melhor, forjar esse "tipo ideal" seria desconsiderar a diversidade característica do universo futebolístico.”<sup>113</sup>

O Internacional, em 1993 tinha cerca de 4,5 milhões de torcedores e algo em torno de dez mil sócios<sup>114</sup>. E em julho de 2009 alcançou o expressivo número de cem mil sócios,<sup>115</sup> tendo aproximadamente cinco milhões de torcedores<sup>116</sup>. Nos tempos atuais estes cinco milhões não são apenas simpatizantes, adoradores do Colorado, são um mercado em potencial.

#### **4.2. Nós torcemos, nós consumimos!**

Neste subtítulo buscarei abordar as mudanças dos torcedores que frequentam o Beira-Rio durante 1992 e 2010. Como colocado anteriormente, usarei principalmente a análise do valor dos ingressos para os jogos do período. As partidas correspondem na sua totalidade aos jogos do Campeonato Brasileiro e das finais da Copa do Brasil e da Copa Libertadores da América.

Assim como na Europa, o processo de modernização dos estádios brasileiros não está sendo algo pacífico e sem resistência. Quando os relatórios e estudos feitos pelo

<sup>111</sup> Jornal Zero Hora 05/04/1969, p. 02.

<sup>112</sup> DAMO, Op. Cit., p. 68

<sup>113</sup> Idem p.66

<sup>114</sup> Idem p. 67

<sup>115</sup> Revista do Inter, Agosto 2009

<sup>116</sup> Pesquisa Revista Placar 2010

governo inglês após os ocorridos no final dos anos setenta e início dos oitenta, os clubes foram obrigados a tomarem medidas para mudar os estádios. Para estas mudanças acontecerem era necessário um quantia considerável de capital, algo que quase nenhum dos clubes possuía naquele momento.

Como a principal fonte de renda era alcançada através do lucro obtido com os ingressos, os clubes não tiveram alternativa, senão efetivarem uma majoração nos valores das entradas.

Ao analisarmos o valor dos ingressos nos dezoito anos propostos veremos que os custos dos ingressos possuem um crescimento praticamente ininterrupto. Conforme o levantamento feito, o valor do ingresso frente ao salário mínimo durante todo tempo também teve elevação constante. E este não é um fenômeno unicamente do Beira-Rio, muitos outros estádios no país passam pelo mesmo aumento de preço.

Em Santa Catarina, o Avaí aumentou o valor do seu ingresso em mais de 50% apenas no ano de 2010, com o valor passando de 40,00 reais para 60,00 reais<sup>117</sup>, levando em conta que o salário regional do estado de SC no mesmo ano era de <sup>118</sup>587,00<sup>119</sup> reais, um ingresso por mês correspondia a 10,22% do salário mínimo. Em São Paulo, os aumentos também são bastante significativos, conforme Vitor Canale; *caso emblemático é do Corinthians que segundo a Folha da Tarde teve um reajuste de 137% no valor médio dos ingressos entre 2004 e 2010, seguido de perto pelo rival Palmeiras que reajustou seus preços em 132% no mesmo período.* Conforme a tabela, podemos reparar que os preços praticados no Gigante são muito semelhantes.

---

<sup>117</sup> ALVITO, Marcos. Aos Ricos o Futebol. São Paulo: Estado de São Paulo, 12/12/2010. Publicado em: <http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,aos-ricos-o-futebol,652764,0.htm>

<sup>118</sup> CANALE, Op. Cit., p. 01.

<sup>119</sup> Valor correspondente aos trabalhadores da faixa 01 que inclui: da agricultura e da pecuária; das indústrias extrativas e de beneficiamento; de empresas de pesca e agricultura; empregados domésticos; de turismo e hospitalidade; das indústrias da construção civil; das indústrias de instrumentos musicais e brinquedos; de estabelecimentos hípicas; empregados motociclistas, motoboys e do transporte em geral, excetuando-se os motoristas.

Tabela 1.

ANO	INGRESSO MAIS BARATO	SALARIO MINIMO	% do SALARIO MINIMO
1992	Cr\$ 3.000,00	Cr\$522.186,94	0,57%
1993	Cr\$ 200,00	CR\$12.024,00	1,66%
1994	R\$ 2,00	R\$ 70,00	2,85%
1995	R\$ 3,00	R\$ 100,00	3%
1996	R\$ 5,00	R\$ 112,00	4,46%
1997	R\$ 5,00	R\$120,00	4,16%
1998	R\$ 3,00	R\$130,00	2,30%
1999	R\$ 2,00	R\$136,00	1,47%
2000	R\$ 3,00	R\$151,00	1,98%
2001	R\$ 3,00	R\$180,00	1,66%
2002	R\$ 5,00	R\$ 200,00	2,50%
2003	R\$ 5,00	R\$ 240,00	2,08%
2004*	R\$ 3,00	R\$ 260,00	1,15%
2005	R\$10,00	R\$ 300,00	3,33%
2006	R\$12,00	R\$ 350,00	3,42%
2007	R\$ 25,00	R\$ 380,00	6,57%
2008	R\$ 25,00	R\$ 415,00	6,02%
2009	R\$ 40,00	R\$ 465,00	8,60%
2010	R\$30,00	R\$ 510,00	5,88%

\*último ano da “Coréia”

Durante o período de 2005 até 2010 temos um aumento de 200% no valor das entradas, em 2005 o ingresso mais barato era de 10,00 reais - referente ao setor da popular, já em 2010 era impossível conseguir um ingresso por menos de 30,00 reais, na arquibancada inferior. Preço este semelhante cobrado para assistir a uma partida no João Havelange, o Engenhão, no Rio de Janeiro, pertencente ao município. Este estádio é um dos mais modernos do Brasil, foi construído para os jogos Pan americanos de 2007, com um orçamento superfaturado, sendo seis vezes maior que o custo inicial de cerca de 60 milhões de reais, que ao final das construções sugou 380 milhões de reais dos cofres públicos.

Conforme a tabela n.º1 podemos visualizar o aumento do valor do ingresso frente ao salário mínimo, em 1992 o ingresso mais barato (setor da coréia) para assistir um jogo o Beira-Rio custava apenas 0,57% do salário de um trabalhador que recebia um salário mínimo por mês. Já em 2010, um trabalhador chegava a gastar 5,88% do salário para assistir apenas um jogo, isso sem contar o custo do transporte para ir e voltar do estádio: a passagem do transporte coletivo era de 2,45 reais, e variavelmente mais algum tipo de alimentação. Certamente se torna inviável para um trabalhador colorado ir a todos os jogos do time no mês. A quantidade de partidas no Beira-Rio durante um mês, geralmente fica em torno de dois a quatro jogos.

No Brasil um parte considerável da população ainda está inserida no que chamamos de classe D e E, trabalhadores que recebem respectivamente de dois a quatro salários mínimos e os últimos recebem até dois salários mínimos<sup>120</sup>. Seria exigir demais que um trabalhador que recebe em torno de dois salários compareça constantemente aos jogos no Beira-Rio, isso sem pensarmos no fato de que muitas vez ele vai acompanhado de alguma pessoa da família- fato irônico, se pensarmos que a maioria dos argumentos para melhoria e maior segurança nos estádios estão pautados na necessidade da volta das famílias aos estádios.

Isto nos transmite uma lógica perversa sobre a escolha dos torcedores dos clubes que vão ao estádio. Sem dúvida, com a política de preços praticadas pelos clubes no Brasil, estamos sentindo uma clara exclusão de uma parte do público.

“Recentemente realizou-se no Rio a Soccerex, feira internacional centrada no futebol negócio. Nela, “especialistas” afirmaram que doravante o futebol brasileiro terá a classe A como clientela alvo, deixando de lado as classes B e C. Porque as D e E há muito não sentam em uma arquibancada. É claro que o evento foi financiado com dinheiro público.”<sup>121</sup>

Como destaca Alvito, o futebol vem mudando o seu torcedor alvo, ou como declarou em 2004 o ex-diretor do Atlético Paranaense, Mário Celso Petraglia: “o clube não precisa mais de torcedores, e sim de apreciadores do espetáculo”. Outra celebre frase do atleticano foi que “nos estádios não havia mais lugares para pobres”<sup>122</sup>, tanto que fixou o valor dos ingressos em 30,00 reais, no ano de 2004, quando o salário mínimo era de 260,00. Em uma clara alusão ao perfil dos frequentadores dos estádios

---

<sup>120</sup> Dados obtidos através os critérios de renda o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

<sup>121</sup> ALVITO, Op. Cit.

<sup>122</sup> Jornal Zero Hora 02/05/2004, p.56.

deveria mudar. Pessoas de poder aquisitivo relativamente alto, para poderem consumir não apenas o futebol, mas sim todos os outros “benefícios” comercializados pelo clube.

Um dos principais motivos para o aumento médio dos ingressos no Beira-Rio está diretamente relacionado com os espaços mais populares do estádio. Como anteriormente destacado, a exclusão da “coréia” deixou o “clube do povo” sem um local com características mais populares, principalmente com preços mais viáveis.

Tabela nº. 2<sup>123</sup>

ANO	JOGO	INGRESSO MAIS CARO	INGRESSO MAIS BARATO
1992	Internacional x Passo Fundo	Cr\$ 10.000,00	Cr\$ 3.000,00
1993	Internacional x Corinthians	CR\$1.500,00	CR\$ 200,00
1994	Internacional x Corinthians	R\$ 12,00	R\$ 2,00
1995	Internacional x Palmeiras	R\$ 20,00	R\$ 3,00
1996	Internacional x Botafogo	R\$ 25,00	R\$ 5,00
1997	Internacional x Flamengo	R\$ 25,00	R\$ 5,00
1998	Internacional x Cruzeiro	R\$ 15,00	R\$ 3,00
1999	Internacional x Vitória	R\$ 10,00	R\$ 2,00

<sup>123</sup> Os jogos são todos durante o mês de outubro e referentes a partidas do campeonato brasileiro. A única exceção é a amostra de 1992 é referente ao campeonato gaúcho, pois neste ano o Brasileiro foi disputado entre os meses de janeiro e julho.

2000	Internacional x Bahia	R\$ 20,00	R\$ 3,00
2001	Internacional x Vasco	R\$ 20,00	R\$ 3,00
2002	Internacional x Fluminense	R\$ 20,00	R\$ 5,00
2003	Internacional x Grêmio	R\$ 25,00	R\$ 5,00
2004*	Internacional x Botafogo	R\$ 15,00	R\$ 3,00
2005	Internacional x São Paulo	30,00	10,00
2006	Internacional x São Paulo	45,00	18,00
2007	Internacional x América-RN	60,00	25,00
2008	Internacional x Vasco da Gama	60, 00	25,00
2009	Internacional x Náutico	R\$ 80,00	R\$40,00
2010	Internacional x Atlético-MG	R\$ 80,00	R\$ 30,00

\*último ano da coréia

Conforme a tabela acima, podemos ver que o S.C.I. ofertava para seus torcedores ingressos com preços extremamente populares. Sendo que em 1992 o valor da entrada mais barata para a partida, custava em torno de 30% do valor da mais cara.

Isto não se reflete apenas o Beira-Rio, no Maracanã, em 2005 também ocorreu à eliminação “da popular”, local com o valor mais barato, após o fechamento do setor houve a colocação de cadeiras de plástico, assim alterando os valores dos ingressos que passaram a custar seis vezes mais. Em 1992 o jornal Zero Hora<sup>124</sup>, trazia uma reportagem interessante sobre o preço dos ingressos de futebol. Segundo a reportagem ir ao estádio era uma das diversões mais baratas para a população. O valor médio gasto em um jogo era de Cr\$ 6.600,00, enquanto o cinema era Cr\$ 10.000,00, o teatro variava de Cr\$ 60.000 a Cr\$ 15.000,00. Se levamos em conta que no ano de 2010 existiam salas de cinema que cobram ingressos a R\$ 5,00 e teatro ao preço de R\$ 20,00 e o ingresso mais barato no Beira-Rio é de R\$ 30,00 vemos o tamanho da disparidade atual entre o futebol e os outros meios de diversão.

A exclusão dos setores populares dos estádios é fundamental para os clubes alcançarem maiores lucros com a renda das partidas. Ação praticada também na Inglaterra após o período crise do futebol inglês.

“Outra forma de financiar as obras foi encontrada na majoração do preço dos ingressos (sob o argumento da maior conforto/segurança) e a substituição de setores com grande capacidade mas de baixa lucratividade para os clubes – os setores populares ends/terraces – por assentos mais caros e a construção de camarotes executivos e corporativos com vistas a atrair um perfil de público mais corporativo, empresas interessadas em fazer seu marketing corporativo em um evento futebolístico com possíveis clientes.”<sup>125</sup>

No mesmo ano de 2004 o Internacional, além de perder a “Coréia”, também enfrentou a majoração de cerca de 50%. O jornal Zero Hora apontava para o aumento do valor da arquibancada inferior para 15,00 reais, setor que anteriormente custava penas 10,00 reais. Esta medida forçou alguns torcedores migrarem para a arquibancada inferior, porque, segundo o regulamento<sup>126</sup> para o Campeonato Brasileiro daquele ano, nenhum ingresso poderia custar menos de 15,00 reais. O Valor era astronômico para o torcedor ter que sentar no concreto, e sem poder contar com condições dignas banheiros, por exemplo.

Segundo o Capítulo V sobre as disposições financeiras, artigo 20, *nenhum tipo de ingresso poderá ser inferior a R\$ 15,00 (quinze reais) com exceção das meias*

<sup>124</sup> Jornal Zero Hora 07/10/1992

<sup>125</sup> CRUZ, Op.cit., p. 75

<sup>126</sup> Ver Regulamento do Campeonato Brasileiro 2004:

<http://www.futebolnarede.com.br/campeonato/brasileiro/regulamento-2004.php>

*entradas para estudantes (no valor de R\$ 7,00) ou outras situações, conforme a legislação definir, e dos ingressos especiais para associados, limitados ao valor mínimo de R\$ 7,00 (sete reais).* Por isso o S.C.I. precisou encontrar uma brecha no regulamento classificando a “coréia” como ingresso especial. Este aumento foi sentido de tal forma que o Internacional teve uma média de público de 14.937 torcedores no Campeonato Brasileiro de 2003, e no primeiro jogo do Campeonato Brasileiro de 2004 contra o Palmeiras o público total foi de 10.831 torcedores.<sup>127</sup>

Com o fim da “coréia” o internacional tentou exportar o local para as arquibancadas inferiores situadas atrás da goleira, criando assim dois setores; a popular Gigantinho e a popular placar, onde o valor cobrado seriam os mesmo R\$ 7,00 cobrados na coréia<sup>128</sup>. Porém o espaço não despertou tanto interesse por parte dos antigos “coreanos”. O depoimento do colorado Henrique Teixeira, 30 anos, é sintomático, coreano freqüente, declarou: *“Tá, aqui é legal. Mas falta o barulho da bola, os gritos dos jogadores. Ali debaixo se ouve tudinho, como se agente estivesse dentro do campo”*.<sup>129</sup> Esta diferenciação econômica do setor não durou por muito tempo, a única coisa que sobrou foi o local ser identificado com as torcidas organizadas, principalmente no setor da popular Placar.

Outra observação referente à tabela de N.º2 é o seguinte: em 1999 o internacional fazia uma campanha desastrosa no Brasileirão, correndo sérios riscos de rebaixamento para a segunda divisão. Para tentar reanimar o time e trazer os torcedores de volta para o Gigante, a direção a esta questão chegou ofertar ingressos ao valor R\$1,00 (arquibancadas inferiores e superiores) e R\$ 5,00 (cadeiras) em jogo decisivo contra a Ponte Preta<sup>130</sup> e o contra Vitória-BA que aparece na Tabela, os preços sofreram um pequeno acréscimo nos preços, a “Coréia” passou para R\$ 2,00 e R\$ 5,00 para as arquibancadas inferiores e superiores.

Por último, cabe uma análise breve, mas não menos importante sobre os valores das finais de 1992 e 2010. Não podemos mensurar os dois jogos e dizer que um era mais importante que o outro, pois em 1992 o Internacional se encontrava em um período de treze anos sem um título de expressão nacional e ainda não alcançará sucesso internacionalmente, após bater na trave em anos anteriores, com um vice-campeonato no Campeonato Brasileiro (1988) e um quarto lugar na Libertadores (1989), e em 2010

<sup>127</sup> Jornal Zero Hora 02/05/2004, Caderno de Esportes.

<sup>128</sup> Jornal Zero Hora 24/05/2004, p.06

<sup>129</sup> Jornal Zero Hora 24/05/2004, p. 06

<sup>130</sup> Jornal Zero Hora 26/10/1999, p. 58



foi o ano do Bicampeonato da Libertadores, o segundo título em cinco anos, confirmando sua soberania na América do Sul.

Tabela Nº. 3.

ANO	INGRESSO MAIS BARATO	% DO SALÁRIO MINIMO
1992*	Cr\$ 15.000,00	2,87%
2010**	R\$ 100,00	19,06%
Diferença		664%

\*Final da copa do Brasil 1992

\*\* Final da Copa Libertadores 2010

Em dezembro 1992 o valor da cesta básica era de Cr\$1.086.393,99<sup>131</sup>, um ingresso para o setor da coréia custava Cr\$ 15.000,00, o que equivaleria a um setenta e dois avos o custo da cesta básica. Em agosto de 2010 a capital gaúcha possuía a segunda maior cesta básica do país, com o valor de 235,65 atrás apenas de São Paulo. O ingresso mais barato para a final da Copa Libertadores é o de arquibancada inferior ao custo de R\$ 100,00, ou seja, um ingresso custava pouco menos da metade do valor da cesta básica. Através dessa equiparação podemos ter idéia do impacto na variação dos valores dos ingressos sobre a vida de um trabalhador-torcedor.

#### **4.3. Um novo torcedor, um novo sócio, um sócio-torcedor:**

A partir da segunda parte dos anos dois mil, o Sport Club Internacional iniciou um novo projeto de captação de recursos. Foi implementada uma verdadeira cruzada atrás de novos sócios. A proposta não era apenas buscar novos torcedores para seu quadro social, mas sim propor um novo modelo associativo. Modelo calcado na idéia de um sócio-torcedor.

O sócio torcedor é uma modalidade de associação onde o torcedor associado paga uma mensalidade fixa para o clube, ainda assim inferior à mensalidade cobrada dos “sócios antigos”. Com o pagamento desta mensalidade o torcedor adquire algumas vantagens referentes à compra do ingressos, pois ele terá o direito de comprar o bilhete

<sup>131</sup> Ver alíquotas da cesta básica: <http://www.procon.sp.gov.br/pdf/acs-valoresmensaisalariominimo.pdf>

por 50% do valor real, e claro ter a comodidade de efetuar a compra via internet, pelo telefone, em lojas credenciadas ou em um guichê exclusivo no dia de jogo.

Assim temos a divisão dos sócios em duas categorias distintas, os “antigos” e os “novos”. Os “antigos” seriam os que com o pagamento de uma mensalidade teriam acesso irrestrito a todos os jogos no Beira-Rio, não precisando comprar bilhetes separadamente para cada jogo. Os “novos” que contribuiriam mensalmente com o clube, para assim possuírem vantagens frente ao torcedor comum na comercialização dos ingressos para jogos de grande importância.

Toda esta lógica de novos sócios está inserida principalmente na questão de conquistar o maior número possível de torcedores contribuintes, para o clube alcançar um renda mensal substantiva. Uma vez que as principais fontes de renda de um clube são as vendas de jogadores, bilheteria dos jogos e venda dos direitos de transmissão para a televisão. Este novo programa compõe uma alternativa orçamentária para o clube. Por exemplo, no ano de 2007 o Internacional arrecadou R\$ 5,3 milhões em bilheteria, R\$ 29,6 milhões com televisionamento e R\$ 2,1 milhões mensais com o quadro social.<sup>132</sup> Fica claro a importância da arrecadação através do quadro social, em um ano o clube consegue arrecadar pouco mais de R\$ 25 milhões. Valor este que representa a segunda maior entrada de verba nos cofres do clube.

Em 2009 o Sport Club Internacional alcançou o expressivo número de cem mil sócios. Tornando se assim o clube com mais sócios dentre todos os clubes do continente americano competindo em números com os times europeus. Em 2002 o clube contava com menos de 10 mil sócios, em sete anos o clube conseguiu aumentar em 900% o seu quadro de associados. Como destaca Xavier:

“Em julho de 2009 o Internacional completou os 100 mil sócios, ultrapassando o River Plate da Argentina que conta com 82 mil sócios. Esse quadro de sucesso no número de sócios deve-se a paixão da torcida colorada e o projeto vencedor do clube. Em maio de 2008 o clube tinha cerca de 62 mil sócios. Depois o crescimento foi enorme e muito rápido... As mensalidades já representam 30% das receitas do clube. Está em os seis (06) clubes com maior número de torcedores sócios no futebol mundial.”<sup>133</sup>

Este modelo foi importado da Europa e busca claramente uma congregação maior do torcedor com a vida do Clube. Mas devemos perceber que existe uma outra questão por trás desta maior participação. Além da negociação do jogo de futebol,

---

<sup>132</sup> Jornal Zero Hora 20/10/2007, p. 50

<sup>133</sup> Xavier, op.cit., 2010, p. 134-135

pretende se vender uma gama variada de produtos, benefícios e facilidades atreladas ao esporte. Transformando o antigo apreciador do futebol no mais novo consumidor contemporâneo.

Esta questão fica bastante clara quando o clube exalta ser o único no Brasil a possuir a certificação do ISSO 9001, no qual atesta a qualidade de seus serviços de atendimento a seus clientes, colorados e visitantes. Como está editado na revista “assim é que se faz um clube vencedor. As vitórias dentro de campo têm que ser acompanhadas de comprometimento com o torcedor”<sup>134</sup>. Os novos sócios, assim como os velhos, são alvos constantes de ofertas e promoções do clube. Desconto na compra de produtos, compras em lojas dos mais diferentes ramos, estacionamentos e outros estabelecimentos dos mais variados.

“O Sport Club Internacional alcançou o atual número de sócios porque adotou o modelo europeu que se caracteriza pelo fato dos sócios participarem mais efetivamente da vida do clube, como por exemplo, votar nas eleições para presidente do clube. Uma estratégia adotada pelo clube gaúcho firmou convênios com grandes firmas do Rio Grande do Sul que possibilitam aos associados adquirirem os produtos das empresas conveniadas com descontos, buscando a “fidelização dos clientes”. Para atingir as metas propostas, o Sport Club Internacional trabalha com Televendas, Internet e Postos de Vendas distribuídos por lugares estratégicos, como Shopping Centers e no Beira-Rio.”

Das nove possibilidades de benefícios para o sócio-torcedor, cinco são destinadas a questões externas ao futebol, recebimento mensal sem custo da Revista do Internacional, acesso restrito no site do clube, direito de participar da Rede Colorada de Descontos, estabelecimentos comerciais que estão conveniados ao clube e oferecem descontos e vantagens aos sócios, os estabelecimentos vão desde açougues até corridas de táxi, participação de sorteios e promoções direcionadas aos sócios, desconto na academia Beira-Rio e nas aulas de hidroginástica e natação.<sup>135</sup>

Ao adotar este modelo associativo, o Sport Club Internacional percebeu a importância do novo sócio para sustentar a administração do patrimônio, principalmente o volume de dinheiro deixado nos cofres do clube. Tanto que a direção tenta implantar um mecanismo de comunicação com os antigos sócios para que estes avisem quando não forem comparecer no estádio (a confirmação é feita no site do clube), para assim o seu ingresso ser comercializado. Porém, o cálculo é simples: um sócio que tem o lugar

---

<sup>134</sup> Revista do Inter. Edição nº. 34 – ano 05 – dezembro 2008

<sup>135</sup> Estatuto do Sócio Colorado.

garantido em todos o jogos no ano paga em torno de 660,00 reais por ano de mensalidade, para uma media de trinta jogos por ano no Beira-Rio, uma media de 22,00 reais por jogo, enquanto um sócio-torcedor gasta 22,00 reais só de mensalidade por mês, sem contar o valor do ingresso.

Claro que comparado a um torcedor sem vinculo associativo com o clube a modalidade do sócio-torcedor tem suas vantagens, principalmente no que tange possibilidade de conseguir ingressos para os jogos e quanto ao valor dos ingressos. Porém a mensalidade pode ser encarada como uma maneira de manter o torcedor como um consumidor permanente dos produtos do clube.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não pretendo de forma alguma defender a não melhoria nas condições estruturais dos estádios brasileiros. Como frequentador de jogos, sei quais são as necessidades de avanços em nossos estádios, não agüento mais banheiros em más condições, pouca acessibilidade, quero mais segurança e menos truculência por parte dos policiais. Porém, vejo que é necessário questionarmos algumas questões em torno do projeto de modernização proposta para os estádios brasileiros, e jamais dissociar este conjunto de questões da conjuntura mundial, como se isso fosse um caso isolado.

Uma das principais questões é entender que não estamos mais tratando o futebol como uma atividade lúdica ou de divertimento para trabalhadores nos finais de semana e folgas, e sim encará-lo como um negócio. Logo, existem escolhas a se fazer, diversas maneiras de como vender e para quem vender este produto. É neste sentido que tentei demonstrar a Inglaterra como o principal berço no processo de mercadorização do futebol e, por conseqüência, transformar o torcedor em um potencial consumidor, assim como os ingleses também foram os pioneiros nas transformações dos estádios em verdadeiros templos de disciplina e consumo.

“Em relação aos estádios, os ingleses também foram pioneiros, ao introduzir novas tecnologias de vigilância e ao repensar a configuração espacial das arquibancadas, não mais baseadas nas noções de contenção e segregação da torcida, mas sim um espaço pensado no sentido de atomizar e individualizar a experiência dentro do estádio, composto por espaços onde o indivíduo se define e posiciona de acordo com sua capacidade de consumir.”<sup>136</sup>

E tudo isso foi muito influenciado pelas bases econômicas impostas naquele período, o neoliberalismo, que teve grande aceitação no mundo inteiro, sendo aplicado tanto na Europa como na América. Conforme designa Anderson, o continente americano foi a segunda grande cena das experimentações neoliberais no mundo, e coube ao Chile, durante a ditadura de Pinochet, instaurar o primeiro ciclo neoliberal da história<sup>137</sup>.

A FIFA foi uma das principais agências interessadas nesta transformação, tanto do futebol quanto dos estádios, com a recepção do conceito do *all-seater*, através da influência que exercia sobre os países membros da entidade e com a promoção de

---

<sup>136</sup> CRUZ, Op. Cit., p. 80.

<sup>137</sup> ANDERSON. Op. Cit. p. 18.

eventos esportivos por ela regulado, exemplo maior a Copa do Mundo. Todas estas mudanças não estão dissociadas de ideologias e interesses. Assim, acabam produzindo conseqüências drásticas para o futebol e os principais afetados são os torcedores. A tão desejada modernização dos estádios acabou se mostrando com caráter normativo, de expulsão de indivíduos não desejados (quem não pode consumir), originando conseqüentemente uma elitização dos estádios. Ocorreram políticas de exclusão dos espaços populares, o aumento da repressão, aumento do valor dos ingressos. Sem contar que algumas das medidas propostas terem característica supérflua, quando encaramos o futebol como um esporte: por exemplo, o aumento de lugares no estacionamento do clube, criação de restaurantes e centros comerciais, ou no caso do Beira-Rio, mudar a altura do gramado para que a televisão consiga captar as imagens.

O Beira-Rio foi um dos estádios, como tantos outros no Brasil e no Mundo, que passaram e estão passando por reformas, influenciados principalmente pela Copa do Mundo de 2014, na tentativa de atingir o padrão FIFA. Aqui a “Coréia” (frequentado na sua maioria por pobres e negros) foi extinta, os torcedores são induzidos a ficarem sentados, aumentou a vigilância com instalação de câmeras e aumento no efetivo de policiais, porém a política número um de segurança continua sendo o cassetete, *usado desde o paleolítico*<sup>138</sup>, a majoração dos ingressos é alarmante – em menos de dez anos o valor dos ingressos aumentou cerca de 137% no *Corinthians*, 132% no *Palmeiras* e Internacional em torno de 200%. Todas estas políticas estão levando um progressivo afastamento dos torcedores, ou no meu modo de ver estamos transformando os torcedores em consumidores.

Um outro ponto que cabe reflexão, não só dos admiradores do futebol, mas sim de toda a sociedade, é sobre a origem do capital investido nas obras dos estádios. Apesar de um grande número dos estádios serem públicos, temos uma parte considerável de estádios privados, e estes como os outros precisam de capital externo (governo) para realizar todas as suas obras. Os investimentos são feitos através de linhas de crédito, papel do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento econômico e social) e por isenção de impostos.

---

<sup>138</sup> ALVITO. Op. Cit., p. 02

O Gigante conseguiu apoio do governo municipal, estadual e federal. O S.C.I. pleiteou tanto financiamentos através do BNDES e isenção de impostos como ICMS<sup>139</sup> (imposto sobre operações relativas à circulação de mercadorias e sobre prestações de serviços de transporte interestadual, intermunicipal e de comunicação) uma das principais fontes de arrecadação por parte dos governos estaduais, ISSQN (Imposto sobre Serviço de Qualquer Natureza) imposto recolhido pelo município e IPI (Imposto sobre Produto Industrializado) imposto recolhido pela União.

“Debaixo da bruma marqueteira que exalta a pseudomodernização assistimos a um processo de elitização perversa do futebol brasileiro. Perversa porque financiada com dinheiro do povo. Uma arte e cultura popular criada e mantida por gerações de brasileiros é saqueada em benefício de poucos. É o primeiro mandamento do futebol mercadoria: dai aos ricos o futebol.”<sup>140</sup>

Esta é uma questão que exige muita reflexão por parte da população, pois grande parte da verba investida nos estádios é direta ou indiretamente advinda dos cofres públicos. Precisamos questionar o poder público para saber qual a verdadeira necessidade e importância da maioria das obras propostas. *Como os sul-africanos, os brasileiros devem perguntar quantas casas com água encanada poderiam ser construídas pelo custo desses estádios*<sup>141</sup>. Para termos uma idéia, no dia 14 de novembro 300 famílias que viviam em zona de risco conquistaram o direito à moradia. A prefeitura de Porto Alegre construiu 300 apartamentos na zona sul da capital. A quantia de recursos investida foi de R\$13.431.292,66<sup>142</sup>. Cabe reflexão!

<sup>139</sup> No dia 15 de outubro de 2010 a então governadora do RS sancionou a lei que concedia isenção fiscal para as obras do Beira-Rio e da Arena do G.F.P.A. O Estado deixará de arrecadar 60 milhões de reais com a renúncia tributária em ICMS. Cada obra terá o limite de R\$ 30 milhões.

<sup>140</sup> Idem

<sup>141</sup> KUPER, Simon. SZYMANSKI, Stefan. *Soccernomics: Por que a Inglaterra perde, a Alemanha e o Brasil ganham, e os Estados Unidos, o Japão, a Austrália, a Turquia – e até mesmo o Iraque – podem se tornar os reis do esporte mais popular do mundo*. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010. p. 242 (tradução Alexandre Martins)

<sup>142</sup> Notícia do site da prefeitura de Porto Alegre. Disponível:

[http://www2.portoalegre.rs.gov.br/demhab/default.php?p\\_noticia=147314&RESTINGA+CELEBRA+VIDA+NOVA+NO+RESIDENCIAL+REPOUSO+DO+GUERREIRO](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/demhab/default.php?p_noticia=147314&RESTINGA+CELEBRA+VIDA+NOVA+NO+RESIDENCIAL+REPOUSO+DO+GUERREIRO)

## 6. FONTES E BIBLIOGRAFIA

### 6.1 FONTES

Jornal Ultima Hora  
Jornal Zero Hora  
Jornal Correio do Povo  
Revista do Inter

### 6.2 BIBLIOGRAFIA

AGOSTINO, Gilberto. Vencer ou Morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

ALVITO, Marcos. Aos Ricos o Futebol. São Paulo: Estado de São Paulo, 12/12/2010. Publicado em: <http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,aos-ricos-o-futebol,652764,0.htm>

ANDERSON, Perry. Balanço do Neoliberalismo, in: Pós-Neoliberalismo: As Políticas Sociais e o Estado Democrático, Emir Sader e Pablo Gentili, org. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.

BRAGA, Kenny. Inter 90 anos de paixão. Porto Alegre: Já Editores, 1999.

BELLOS, Alex. Futebol: o Brasil em campo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BERMAN, Marshal. Tudo que é sólido desmancha no Ar. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

CANALE, Vitor. O torcedor torce, o consumidor compra e o sócio-torcedor? – Apontamentos sobre a cidadania pelo consumo no futebol paulista. Publicado em: <http://www.torcedores.org.br/blog/2011/10/14/o-torcedor-torce-o-consumidor-compra-e-o-socio-torcedor-%E2%80%93-apontamentos-sobre-a-cidadania-pelo-consumo-no-futebol-paulista/>

CÉSAR, Benedito Tadeu. Os gaviões da fiel e a águia do capitalismo ou o duelo. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social: Campinas/UNICAMP. 1981. 205f

CRUZ, Antonio Holzmeister Oswaldo . A virada econômica do futebol: observações a partir do Brasil, Argentina e uma copa do mundo. Rio de Janeiro; UFF, 2010.

DAMO, Arlei Sander. Para o que der e vier. O pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Gremio de Football Portoalegrense e seus torcedores. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, UFRGS, 1998.

DENARDIN, Pedro Ernesto e DIENSTMANN, Cláudio. Um século de futebol no Brasil: do Sport Club Rio Grande ao Clube dos Treze. Porto Alegre: Gráfica Aplub, 2000.



FAVERO, Paulo Miranda . Os donos do campo e os donos da bola. (Dissertação de Mestrado em História) São Paulo: USP, 2009. 117 folhas.

FRAGA, Gerson Wasen. "A derrota do Jeca" na imprensa brasileira : nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950. (Tese de Doutorado em História). Porto Alegre: UFRGS, 2009.

FRANCO JUNIOR. Hilário. A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Cia. Das Letras, 2007, p.11.

FISCHER, Luís Augusto. O time do meu coração. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2009.

GAFFNEY, Christopher. Temples of the Earthbound Gods: Stadiums in the Cultural Landscapes of Rio de Janeiro and Buenos Aires. USA: University of Texas Press, 2003, tradução Arthur Lima de Avila.

GAFFNEY, Christopher; MASCARENHAS, Gilmar. O estádio de futebol como espaço disciplinar. *Seminário Internacional Michel Foucault – Perspectivas*. Florianópolis, UFSC, 2004.

GALEANO, Eduardo. Futebol ao sol e à sombra. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2004.

GIULIANOTTI, Richard. Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. 500 anos de Brasil, 100 de futebol gaúcho: construção da “província de chuteiras”. Anos 90, Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, nº. 11, p. 22, julho de 1999.

HARVEY, David. O Neoliberalismo historia e implicações. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

HOBSBAWM, Eric. Era dos Extremos. O Breve Século XX. 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KUPER, Simon. SZYMANSKI, Stefan. Soccernomics: Por que a Inglaterra perde, a Alemanha e o Brasil ganham, e os Estados Unidos, o Japão, a Austrália, a Turquia – e até mesmo o Iraque – podem se tornar os reis do esporte mais popular do mundo. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010. p. 242 (tradução Alexandre Martins)

MASCARENHAS, Gilmar. A via platina de introdução do futebol no RS. *Lecturas: Educación Física y Deportes - Revista Digital - Buenos Aires - Año 5 - N° 26 - Octubre de 2000*.

MASCARENHAS, Gilmar. A bola nas redes e o enredo do lugar. Uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul. Tese de doutorado em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, 2001.

MASCARENHAS, Gilmar. Globalização e espetáculo: o Brasil dos megaeventos esportivos. Esporte, globalização e negócios: o Brasil dos dias de hoje in: DEL PRIORI, Mary e MELO, Victor Andrade de. (orgs) Historia do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais São Paulo: Editora UNESP, 2009.

PRONI, Marcelo. Economia do Esporte: um campo de estudos em expansão. 1º ENCONTRO DA ALESDE: “Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas”. Curitiba. UFPR. 2008.

PRONI, Marcelo. Esporte-espetáculo e futebol-empresa. Campinas: Unicamp, 1998. (Tese Doutorado em Educação Física)

REIS, H. H. B. Futebol e sociedade: as manifestações da torcida. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

RODRIGUES, Nelson. A pátria em chuteiras. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freie. O programa “Sócio Torcedor” do Sport Club Internacional. São Paulo: PUC-SP, Aurora. 2010.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves & VAZ, Alexandre Fernandes. Esporte, globalização e negócios: o Brasil dos dias de hoje in: DEL PRIORI, Mary e MELO, Victor Andrade de. (orgs) Historia do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais São Paulo: Editora UNESP, 2009.

STÉDILE, Miguel Enrique. Da fábrica à várzea: clubes de futebol operário em porto alegre. (Dissertação de mestrado em história) Porto Alegre: UFRGS, 2011.

TEMPASS, Martín César. Os Malditos da Coréia: um estudo antropológico sobre os torcedores da arquibancada popular do Estádio Beira Rio - Porto Alegre – 2003. Monografia de conclusão/ UFRGS, 2003.

Wisnik, José Miguel. Veneno remédio: o futebol e o Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

### 6.3 SITES

[http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/may/29/newsid\\_2733000/2733979.stm](http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/may/29/newsid_2733000/2733979.stm)

[http://www.ssp.rs.gov.br/portal/principal.php?action=imp\\_noticias&cod\\_noticia=8103](http://www.ssp.rs.gov.br/portal/principal.php?action=imp_noticias&cod_noticia=8103)

<http://www.futebolnarede.com.br/campeonato/brasileiro/regulamento-2004.php>

[http://www2.portoalegre.rs.gov.br/demhab/default.php?p\\_noticia=147314&RESTINGA+CELEBRA+VIDA+NOVA+NO+RESIDENCIAL+REPOUSO+DO+GUERREIRO](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/demhab/default.php?p_noticia=147314&RESTINGA+CELEBRA+VIDA+NOVA+NO+RESIDENCIAL+REPOUSO+DO+GUERREIRO)